Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Daniel Costa Simões

Herbart e a noção de inconsciente dinâmico

Mestrado em Filosofia

São Paulo
2017

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Daniel Costa Simões

Mestrado em Filosofia

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para o título de MESTRE em Filosofia, sob orientação do Prof. Doutor Mário Ariel González Porta.

São Paulo
2017

Banca Examinadora

_____

_____

_____

A conclusão desse mestrado foi possível graças à Bolsa concedida pela CAPES/MEC.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao professor Dr. Mário Ariel González Porta, pois mesmo sendo de área conexa, mostrou disponibilidade e abertura em me orientar.

Agradeço também os colegas de formação da PUC-SP, indispensáveis na contrução de conhecimento filosófico nesses anos de estudo e pesquisa; em especial ao colega Gustavo Pessoa, pela revisão do texto.

Daniel Costa Simões

Herbart e a noção de inconsciente dinâmico

Resumo:

Este trabalho procura esclarecer quem foi Johann Friedrich Herbart (1776-1841), a partir de uma breve biografia e dos problemas filosóficos que motivaram seus escritos em Psicologia. O objetivo da pesquisa é identificar neste autor, um modelo de psicologia dinâmica presente na segunda metade do século XIX que foi influente nas formulações metapsicológicas da teoria psicanalítica de Freud.

Palavras-chave: psicanálise, história, gênese, psicodinâmica, Herbart, Freud, inconsciente.

Daniel Costa Simões

Herbart and the notion of dynamic unconscious

Abstract:

This work intend to show who was Johann Friedrich Herbart (1776-1841), based on a brief biography and the philosophical issues that have motivated his writtings in psychology. The aim of this paper is to identify in this author, a model of dynamic psychology present at the second half of the nineteenth century, wich was influent in the metapsychological formulations of Freud's psychoanalytic theory.

Keywords: Psychoanalysis, history, genesis, psychodynamics, Herbart, Freud, unconscious.

"Die Psychologie hat einige Aehnlichkeit mit der Physiologie; wie diese den Leib aus Fibern, so construirt sie den Geist aus Vorstellungsreihen."[1]

[1] "A psicologia tem alguma semelhança com a *physiologia*; da maneira como uma constrói o corpo com fibras, a outra constrói o espírito com representações". Herbart, no prefácio de *Psychologie als Wissenschaft, neu gegründet auf Erfahrung, Metaphysik und Mathematik* (1824).

Sumário

Introdução.....9

1. Herbart e a noção de inconsciente dinâmico

1.1 Biografia.....11

1.2 A psicologia no século XIX.....14

1.3 Escola inglesa X escola alemã.....19

1.4 Semelhanças e diferenças do associacionismo inglês.....21

1.5 Herbart sob Kant e Fichte.....23

1.6 Metafísica.....26

1.7 Psicologia.....30

1.8 *Vorstellungmechanik* – a “dinâmica” representacional.....31

2. O fio histórico de um modelo

2.1 Um referencial teórico.....39

2.2 A formação clínica.....43

2.3 A formação teórica: fisiologia.....47

2.4 O aparelho de linguagem: textos pré-psicanalíticos.....51

2.5 A metapsicologia.....59

Considerações finais.....64

Apêndices.....68

Bibliografia.....74

Introdução

O problema dessa tese está em identificar parte dos pressupostos em que se funda a noção de inconsciente na teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Torna-se necessário, portanto, buscar diálogo com a história e a filosofia alemã vigentes no século XIX, uma vez que entender o ambiente e os autores que cercaram e anteciparam Freud durante a gênese da teoria é o primeiro passo a ser dado.

Não se trata de estabelecer a fundo, uma epistemologia da psicanálise. Afinal, seria necessário um trabalho muito peculiar para afirmar se há realmente uma epistemologia da disciplina e de que maneira ela se forma. Isso já foi, em parte, realizado por outros autores que serão usados como referência bibliográfica.[2]A intenção do trabalho é mostrar um modelo e uma escola de psicologia presentes na pré-história da psicanálise, que foram importantes na gênese da teoria freudiana.

Esta busca teórica será elaborada com base na obra do filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), que a princípio, apresenta um modelo muito próximo ao da metapsicologia freudiana. Essa pesquisa procura trazer à tona um capítulo pouco estudado entre os dois autores, para além das repetidas insistências acadêmicas em ligar a pré-história de Freud à filósofos como Nietzsche ou Schopenhauer[3]. A novidade não é simplesmente o fato de Herbart antecipar uma noção de inconsciente (o termo já estava presente em diversos autores), mas a peculiaridade de um tipo de inconsciente, onde há interações entre as representações mentais.

O trabalho está dividido em dois eixos - Primeiramente concentra-se em apresentar uma biografia de Herbart, entender o cenário de sua época, identificar quais são os principais problemas e traços herdados de Leibniz, Kant e Fichte; fundamentais no seu modelo de psicologia.

[2] Entre os clássicos estão: Assoun, Ellenberger, Andersson, Whyte, Grünbaum e Bercherie. Dentre os autores brasileiros, destacam-se os trabalhos de Loparic, Gabbi Jr., Garcia-Roza, Monzani, Simanke e Fulgencio.

[3] Tendência de associar Schopenhauer à teoria das pulsões e da repressão; ou Nietszche à ideia de ressentimento.

Após entender o problema e a proposta de Herbart, a segunda parte do trabalho procura construir o fio histórico que carrega o modelo herbartiano até Freud. Para isso, faz uma análise dos textos pré-psicanalíticos que mostram as heranças na formação de Freud, para ao final, identificar quais são exatamente os traços herbartianos presentes na teoria psicanalítica.

1. Herbart e a noção de inconsciente dinâmico

1.1 Biografia

Nascido em quatro de maio de 1776, na cidade de Oldenburgo, Herbart sofreu problemas de saúde na infância, o que fez com que fosse educado em casa por sua mãe até os doze anos de idade. Além da educação por parte de Lucie Margarete Herbart, o papel conjunto de seu tutor Hermann Wilhelm Ültzen (1759-1808) - teólogo e poeta alemão- foi essencial nos primeiros anos de formação, que já contavam com estudo de Filosofia.

Ao chegar ao *Gymnasium*[4], Herbart ainda muito jovem entrou em contato com os clássicos gregos e também as obras de Kant e Wolff, autores que posteriormente foram essenciais na criação de seu sistema filosófico. (HILGENHEGER, p.141, 2010)

Após o término do ciclo escolar, em 1794, por vontade dos pais Herbart matriculou-se na universidade de Jena para estudar Direito; no entanto, acabou voltando-se à Filosofia. É nesse período que se torna aluno de Fichte (1762-1814), que ao notar o esforço nos escritos e jovialidade de seu aluno, logo o apresenta para Kant em *Königsberg*.

Ainda que não seja um filósofo dos mais conhecidos na contemporaneidade, Herbart geralmente aparece dentro de um contexto histórico das raízes da **psicologia e da pedagogia moderna**[5]. Vale lembrar que seu modelo de psicologia pode servir como princípio para a construção de um modelo de pedagogia. A lembrança de Herbart como pedagogo ocorre por esse motivo - O fato de Herbart ter trabalhado como professor particular em uma família suíça entre 1796 e 1800, logo após o período na universidade de Jena. Pois é justamente nessa época que inicia suas oposições à Fichte e que

[4] Nome dado a um modelo de escola secundária na Alemanha, que enfatiza o estudo acadêmico.

[5] A única obra lançada em português sobre o autor faz parte da "Coleção Educadores", lançada pelo MEC em 2010. Neste livro há um texto de Norbert Hilgenheger, e alguns textos selecionados de Herbart, mas todos fazem relação à pedagogia do autor. (HILHENHEGER, N. Johann Herbart. Recife: Massangana, 2010)

conhece Pestalozzi[6], nome chave da pré- história da pedagogia. Beiser(2014) comenta esse momento:

> "O evento mais importante do desenvolviento intelectual de Herbart durante os anos na Suiça (1796 – 1800) foi seu encontro com Pestalozzi, autor que foi influente em sua filosofia da educação. Um primeiro encontro foi provavelmente arranjado por Fichte, que teria recomendado Herbart à Pestalozzi. Aparentemente, Pestalozzi ficou tão impressionado com Herbart, quanto este por Pestalozzi.[...] Graças a inspiração de Pestalozzi, Herbart dedicou sua carreira à filosofia da educação, consequentemente engajando-se em diversos experimentos próprios. Ele se tornou o porta-voz das ideias de Pestalozzi na Alemanha. Foi por este motivo que Herbart se tornou inicialmente conhecido em sua terra natal. ." (BEISER, 2014, p8).

Após os "anos suíços" de inclinação ao estudo de pedagogia, em 1800, Herbart volta à Alemanha por questões familiares. É somente em 1805, após recusar as cátedras de *Heildelberg* e *Landshut*, que o filósofo volta à vida acadêmica ao torna-se professor em *Göttingen*. (HILLGENHEGER, p.142, 2010)

Em 1808, foi chamado pelo rei da Prússia (interessado nas ideias pedagógicas do filósofo) para torna-se professor em *Königsberg*. No ano seguinte, em 1809, assumiu a cadeira de Immanuel Kant que havia sido deixada por Krug[7] (após este seguir para Leipzig). Esse acontecimento deixou Herbart muito satisfeito, pois recebia cerca de quatro vezes mais do que o trabalho anterior: "Que feliz que fiquei em receber uma oferta dessas, a mais renomada cadeira de filosofia, o lugar onde quando menino eu sonhei em estar, já que estudei os trabalhos do sábio de Königsberg" (HERBART apud. DE GARMO, p.18, 1895).

[6] Johann Heinrich Pestalozzi (1746 — 1827) foi um pedagogo e educador suíço, pioneiro na reforma educacional na Alemanha e nas regiões francesas da Suíça, escrevendo diversas obras que formaram os princípios da educação moderna. Graças ao seu trabalho e sua articulação política, o analfabetismo foi quase extinto da Suíça por volta de 1830. Escreveu a obra *Leonardo e Gertrude (1781),* que apesar das idéias colocadas, não foi considerda um tratado de pedagogia por outros pensadores da época.(HILLHGENHER, 2010)

[7] Wilhelm Traugott Krug (1770 –1842), filósofo e escritor alemão.

É durante os anos em *Königsberg* que tem o período mais frutífero da carreira. Publica suas quatro principais obras referentes à filosofia e à psicologia, entre elas: *Lehrbuch zur Einleitung in die Philosophie* (1813), *Lehrbuch der psychologie* (1816), *Psychologie als Wissenschaft* (1824) e *Allgemeine Metaphysik* (1828).[8]

Ao final da vida, Herbart ainda voltou para a universidade de Götingen em 1833, onde lecionou filosofia e pedagogia até 1841, aos sessenta e cinco anos de idade.

Após sua morte, o herbartismo tornou-se uma das principais referências filosóficas da segunda metade do século XIX alemão. Wundt e Fechner são exemplos de nomes importantes da história da psicologia experimental que utilizaram ideias herbartianas; assim como tantosoutros fisiologistas que também utilizaram a psicologia herbartiana como base neste mesmo período. Uma força intelectual do século dezenove da Alemanha e Áustria, Herbart teve um maior impacto na psicologia desses países do que qualquer outro pensador. William James, escrevendo sobre a Alemanha em 1890, comentou que "Herbart e seus seguidores... até recentemente tem reinado quase que unanimemente no seu país de origem" (JAMES, 1950, p.603 apud SAND, 2014, p.134).

O seu modelo psicológico de aprendizado também foi exportado para os Estados Unidos, sendo uma pedagogia influente no modelo de ensino americano do final do século dezenove.[9] Essa influência resultou no *The Herbart Club*, organizado em Saratoga (EUA) pela *National Educational Association* em 1892. O clube consistia, na grande maioria, em professores que haviam feito estudos do herbatismo nos princípios da educação.

Apesar do grande impacto que teve no pós-kantismo do século XIX, Herbart parece ter sido gradativamente esquecido no século XX, sobretudo, pelo surgimento de novos nomes na área da pedagogia que obscureceram suas teorias.

[8] Manual de introdução à filosofia (1813), Manual de psicologia (1816), Psicologia como ciência (1824) e Metafísica Geral (1828).

[9] Para uma análise mais detalhada do impacto do herbartismo na pedagogia nos Estados Unidos, ver *Herbart and the herbatians* (1895) de Charles de Gamo.

1.2 A Psicologia no século XIX

As origens da psicologia podem ser determinadas em dois períodos distintos, com cerca de dois mil anos de distância um do outro. Podia-se inicialmente traçar ideias e fazer especulações a respeito da natureza e do comportamento humano já no século V A.C., quando autores como Platão, Aristóteles e outros filósofos gregos já discutiam questões comuns aos psicólogos: memória, aprendizagem, motivação, pensamento, percepção e comportamento (SCHULTZ, p4, 2015).

Dessa forma, apesar de não se encaixar na abordagem moderna, os clássicos gregos inevitavelmente aparecem como fundadores de uma noção de psicologia. Essa busca retroativa de um referencial, entre a concepção de psicologia moderna em relação à de psicologia clássica, é comum nos livros de história da disciplina:

> "[...] uma típica história da psicologia começa buscando pelas origens da psicologia moderna no final do século dezoito. Ali encontra modelos da mente, assim como especulações no comportamento filosófico, moral e pessoal, na aprendizagem e no pensamento. A busca é tradicionalmente construída em termos e tipos específicos, com pouca atenção aos contextos onde discussões individuais ocorrem, ou às estratégias intelectuais que envolvidas. No entanto, se o autor deseja alcançar um extenso campo, deve voltar até os gregos para descobrir nocções preliminares de termos centrais como o 'inconsciente'."(ARENS, p16, 1989)

Portanto, tão importante quanto citar os autores influentes na formação do pensamento de Herbart, é entender as transformações históricas do cenário qual o autor faz parte, pois é justamente neste período que a **emancipação** da psicologia como ciência moderna ganha forma. Sabe-se que não foi somente o caso da psicologia, mas tantos outros campos do saber como a biologia, matemática, química, etc., que foram aos poucos tomando rumo próprio e independente.

Vale apontar que essa emancipação da psicologia não aconteceu a partir da vontade de psicólogos (não havia até então, tal titulação), mas de problemas pertinentes à própria filosofia e outros campos do saber. Isso é mostrado por Boring(1950), que aponta os problemas pertinentes na filosofia francesa e alemã:

> "Esse é o resumo da história da psicologia experimental durante a metade do século, onde eventos aconteceram dentro da fisiologia, e em outros casos dentro da física ou astronomia. Tais homens não se consideravam psicólogos ou especialistas em psicologia. Eles eram fisiologistas, físicos ou astrônomos. Não havia cientistas que se denominavam psicólogos até 1860. Havia, no entanto, o progresso na história da psicologia, os ataques dos filósofos aos problemas da mente e do conhecimento, os empiristas e associacionistas britânicos, Descartes e a tradição francesa; Leibniz, Kant e Herbart na Alemanha. Nós devemos ver como as ciências naturais e a filosofia da mente apareceram juntas na metade do "século dezenove" para criar o que mais tarde foi chamado de nova-psicologia, psicologia experimental ou psicologia científica. Primeiramente, no entanto, nós devemos analisar esses eventos sendo propriedade dos fisiologistas do início da primeira metade do século dezenove, constituintes do conhecimento psicofisiológico e da psicologia experimental daquele período." (BORING, p.31, 1950)

Tratando-se de psicologia moderna, nomes como o de Mill (1806-1873), Fechner (1802-1887), Charcot (1825–1893), Wundt (1832-1920), Brentano (1838–1917), Lipps (1851–1947) e Janet (1859-1947) são frequentemente citados quando se fala da pré-história da disciplina durante o século XIX. Claro que o sempre lembrado Wundt tem um papel importante, sobretudo, por conta de criar o primeiro **laboratório** de psicologia experimental em Leipzig e por formar uma das principais e mais influentes correntes de pensamento da área. Mas diante de um cenário de tantas e tão profundas transformações na filosofia e na ciência, houve muito mais do que isso. Pode-se, todavia, resgatar na filosofia outros percursores da psicologia moderna como Wolff e Leibniz (ainda nos séculos XVII e XVIII), assim como no empirismo inglês de Locke e Hume; sem contar todos os desdobramentos feitos pelos pós-kantianos.

No entanto, é somente a partir das relações, semelhanças e diferenças entre a **escola inglesa** e a **escola alemã** do século XIX que este trabalho pretende dissertar. Entender certos movimentos da filosofia e da ciência que cercaram Herbart é uma necessidade que, no entanto, não pode se resumir em uma descrição rasa ou incompleta de um "espírito" da época do autor:

> "A consideração histórica não deve degenerar em 'epoquismo genérico', ou seja, na tendência a remeter-se de forma vaga 'à época' para dar conta daquilo que nos resulta estranho ou absurdo. No 'epoquismo' a incompreensibilidade permanece e é simplesmente solicitado um ato de fé de que ela seria superável se aceitássemos outro modo de pensar vigente naquele momento, que não é ulteriormente precisado." (PORTA, 2014, p.88)

Para esclarecer a divisão da investigação psicológica, vejamos a relação entre **introspecção e consciência** como problema central na psicologia e filosofia da mente: sensações, percepções, sentimentos não são observáveis fisicamente, como matéria. Somente por introspecção torna-se consciente deles, como uma experiência **interna** - A introspecção só poderá dar acesso à consciência de si mesmo, mas não de outro alguém. Ainda que seja um processo abstrato e generalista, é a partir da observação sistemática de tais introspecções que se fazia Psicologia até aquele momento:

> "Uma transformação importante ocorreu quando filósofos começaram a aplicar as ferramentas e métodos já utilizados com sucesso nas ciências biológicas e físicas para explorar questões relacionadas à natureza humana. Somente quando os pesquisadores passaram a confiar na observação e na experimentação cuidadosamente controladas para estudar a mente humana é que a psicologia começou a adquirir uma identidade distinta das suas raízes filosóficas.[...] A maior parte da história da psicologia, depois de sua separação das raízes filosóficas, é a do desenvolvimento contínuo de

> ferramentas, técnicas e métodos para atingir precisão e objetividade crescentes, refinando não só as perguntas que os psicólogos faziam, mas também as respostas que obtiam" (SCHULTZ, 2015, p.4)

Apesar de a introspecção dar acesso somente à consciência de si, acreditamos ter a capacidade de observar as manifestações do "outro" através da fala, discurso e escrita... Assim, surgiam as teorias psicológicas até então, como maneiras mais ou menos corretas de se explicar fenômenos internos. Totalmente diferente do emergente método da fisiologia que, por exemplo, busca correlatos meramente físicos para explicar o cérebro e o sistema nervoso. Nesse sentido, pode-se dizer que a fisiologia aplica um método passível de ser matematizado (como acontece nas ciências naturais). Estabelecer um paralelismo entre tais disciplinas foi a tarefa iniciada pela **psicologia fisiológica** que surge no século XIX.

Essa relação psicologia X fisiologia tornou-se inevitável durante este período, dado os avanços individuais de ambas as disciplinas:

> "Muitos dos primeiros fisiologistas realizaram suas pesquisas diretamente nos tecidos cerebrais e essas contribuições foram substanciais para o estudo das funções do cérebro. Esses esforços foram as primeiras tentativas de mapeamento das funções cerebrais, ou seja, determinar as partes específicas do cérebro responsáveis pelo controle das diferentes funções cognitivas. A importância desse trabalho para a psicologia não se restringe à delimitação das áreas especializadas do cérebro, como reside também no refinamento dos métodos de pesquisa que mais tarde viriam a ser amplamente usados na psicologia fisiológica" (SCHULTZ, 2014, p.48)

Esse modelo de ciência estava presente na chamada **escola de Helmholtz[10],** que é associada ao início do período fisiologista da psicologia. São vários os autores de se encaixam dentro desse esquema. No entanto, boa parte dos trabalhos de fisiologia também teve antecessores, dentre eles, destaca-se o trabalho de Johannes Peter Muller (1801-1858), que segundo Arens, é o percurssor desse movimento:

> [...Tem o mérito, junto à Albrecht von Haller (hoje lembrado como poeta), de ser o 'pai da psicologia experimental'. Ele ocupou a primeira cadeira de fisiologia na universidade de Berlim em 1833, e era conhecido na europa pelo seu manual, *Handbuch der Psysiologie des Menschen*(1822-40), que foi uma edição standard por vários anos- um dos primeiros clássicos internacionais modernos. Seu trabalho experimental incluiu, na metade dos anos 1820, cálculos experimentais da energia de nervos específicos. Suas teorias foram mais tarde desaprovadas, mas não suas técnicas experimentais. Entre seus alunos estavam Helmholtz, Brucke(professor de Freud), du Bois-Reymond, e Ludwig – todos grandes experimentalistas da geração seguinte. (ARENS, p.22, 1989)

Uma coisa é falar em psicologia experimental, outra coia é falar em fisiologia experimental. O método experimental foi historicamente aplicado, primeiro na fisiologia, para depois, ser aplicado na psicologia. John Hughlings Jackson (1835-1911) também é um nome importantel desse período. Ele foi percurssor da visão que considerava os fenômenos psíquicos como coexistindo com os processos fisiológicos no conjunto do funcionamento cerebral, ou seja, percurssor de uma visão epifenomênica: de qualquer modo, ainda que com restrições, Jackson considerava o cérebro como órgão da mente. (ANDERSSON, P.9, 2000)

[10] Hermann von Helmholtz (1821-1894), pesquisador na área da física e fisiologia, que tinha a psicologia em terceiro lugar nas suas áreas de contribuição científica. Dava ênfase ao tratamento mecanicista e determinista, partindo do princípio de que os órgãos sensoriais humanos funcionavam como máquinas. As pesquisas de Helmholtz de interesse para a psicologia são as referentes à velocidade do impulso neural e sobre a visão e a audição. Sua obra de destque na física é *Über die Erhaltung der Kraft*, de 1847. A **escola de Helmholtz** ficou famosa pelo juramento epistemológico de seus participantes, que nega qualquer método vitalista na elaboração das teses.

1.3 Escola inglesa x Escola alemã

Com a “emancipação” da química, biologia, matemática, do campo da filosofia durante o século XIX, é de se imaginar que o método das ciências naturais seria o guia para definir a separação entre o que é ciência, filosofia ou metafísica. Inevitavelmente, essa tendência de uma *naturwissenchaft* chegou ao campo da psicologia, que a princípio teria complicações óbvias de se encaixar. Essa demanda científica, típica das ciências naturais, fez com que a disciplina tivesse que se reinventar quanto ao próprio método.

Como afirmado anteriormente, a **psicologia descritiva** vigente naquele momento tinha tendências metafísicas, conceitos abstratos e genéricos por conta do método de introspecção. A escola inglesa era a maior representante desse modo de pensar entre os séculos XVII e XVIII, remetendo a autores empiristas de uma longa corrente que inicia em Locke e é modificada por Hume, James Mil, etc.; tendo como base a **associação de ideias**, que em última instância, utilizava-se da metodologia descritiva. John Locke, ao criar o termo associacionismo de ideias, está introduzindo um princípio de explicação da consciência. O pressuposto do associacionismo é o *atomismo psicológico*, isto é, a resolução de cada evento psíquico em elementos simples que são as sensações, as impressões, ou, genericamente, as idéias. (ABBAGNANO, 2014, p.96)

Por outro lado, a **psicologia experimental** é totalmente nova em termos de autores. Ela pretendeu atender o rigor das ciências naturais, dos experimentos. A proposta era buscar as correlações da consciência com o sistema nervoso, apoiando-se na biologia e na fisiologia... Ainda que não pudesse escapar das dificuldades que são exclusivas da psicologia, como a própria introspecção. O método experimental tratou de buscar, por exemplo, relacionar sensação (de fundo psicológico) X excitação (de fundo fisiológico). Dentro dessa tradição estão autores da **escola alemã**, que vão desde teorias mais abstratas (como as posições metafísicas de Herbart), a teorias com correlatos fisiológicos (como a psicofísica de Fechner).

Há um contraste evidente entre o **método** da escola alemã quanto ao método da escola inglesa. É o mesmo ponto levantado por Herbart quando pretende estabelecer uma nova abordagem. Ainda que a nova proposta de uma psicologia experimental que abandone a simples descrição pela cientificidade da explicação fisiológica, a mesma encontraria diversas dificuldades por conta de seu objeto de estudo. Não há como aplicar o método das ciências naturais para todas as questões da psicologia: há fenômenos puramente internos que fogem à possibilidade de experimento. Nesse sentido, Herbart desenvolveu sua psicologia dentro da corrente representacionalista.

Mesmo fazendo parte da escola alemã, Herbart possui peculiaridades que impedem que o mesmo seja considerado um autor da escola fisiológica. Primeiramente, por estar entre os primeiros neokantianos; segundo, pela sua formação que não estava baseada em problemas de ordem médica e clínica, mas sim de uma teoria pedagógica. Sua proposta é fundar uma psicologia baseada no *experimento, metafísica e matemática*. E foi justamente o **pressuposto metafísico** de sua teoria o maior motivo da crítica dos autores posteriores.

Herbart não é radical a ponto de negar o papel da introspecção, apenas só não a toma como método. Para descobrir as leis que regulam as interações entre representações, considera três aspectos indispensáveis: Auto-observação, Interpretação da própria atividade mental, testemunhar e observar outros indivíduos (KIM, p.3, 2015).

Para Herbart, o recurso matemático seria a maneira de colocar a psicologia dentro da objetividade das ciências naturais (mesma observação feita por Kant). Considerando que todo fenômeno interno possui uma **magnitude,** (ou seja, alegando que há "representações fortes" em contrapartida a "representações fracas"[11]) ele acreditou ser possível utilizar-se

[11] Nesse ponto, Kant anteriormente já havia utilizado o termo *representações obscuras*: "Ter representações, e contudo, não ser consciente delas, nisso parece haver uma contradição, pois, como podemos saber que as temos se delas não somos conscientes? Essa objeção já a fez Locke, que também por isso rejeitou a existência de semelhantes espécie de representações. – No entanto, podemos ser mediatamente conscientes de ter uma representação, mesmo que não sejamos imediatamente conscientes dela. – Tais representações se chamam então obscuras, as restantes são claras, e se sua claridade se estende às representações parciais de um todo delas e à sua ligação, são representações distintas, do pensar ou da intuição". (KANT, 2006, p.21).

da matemática para explicar o fenômeno mental. Veremos mais adiante, no capítulo sobre a psicologia, a maneira por onde ele procura fazer isso.

1.4 Semelhanças e diferenças do associacionismo inglês

Ainda que a psicologia experimental tenha criticado a subjetividade da psicologia descritiva, a maneira como os autores da corrente fisiológica faz essa crítica é diferente da maneira qual Herbart, um representacionalista, o faz.

De certa forma, Herbart irá utilizar o princípio associacionista para falar de como se formam as séries de representações, mas com pontos de divergência e peculiaridades. A consciência é fruto de relações entre representações, do resultado de um incessante conflito; não necessariamente de um acesso direto a um conteúdo, como no *atomismo psicológico*[12] dos empiristas ingleses que tratavam ideias como "partículas" governadas mecanicamente por leis de associação. Eles até mesmo sugeriram que essas partículas talvez estivessem sujeitas a forças similares as da física, como atração e repulsão, mas não levaram o conceito adiante. Herbart, entretanto, levou esta noção a sério e, no seu modelo de mente, trabalhou com a noção de "partículas" sujeitas às forças de atração e repulsão (SAND, 2014, p.136).

Dessa maneira, ele distingue o seu associonismo afirmando que as mudanças que ocorrem nas representações são consequência da presença simultânea na consciência. Em segundo lugar, graças ao **princípio da unidade da alma** (parte de sua metafísica), ele fornece uma explicação totalmente diferente dos ingleses. O associacionismo "simples" desses autores, ao menos na forma puramente psicológica, é impossível de comprender como fenômenos que são naturalmente independentes um do outro, podem unir-se de alguma forma na consciência. (DE GARMO, p.173, 1894)

[12] O atomismo psicológico defende que a vida psíquica se resume em associações mentais.

Essa reação ao empirismo inglês por parte dos alemães, já é encontrada anteriormente em Leibniz (1746-1816), autor chave da metafísica herbartiana que analisaremos em detalhe mais adiante. Vejamos:

> "A ênfase na atividade da mente permaneceria como uma marca do pensamento leibniziano, algo que o distingue da tradição que se iniciou com Locke. No empirismo britânico, a mente tende a ser considerada passiva, mais como receptora do que como agente. [...]No esquema de Locke, a aquisição de uma ideia pode ser demosntrada com uma operação: a sensação faz emergir uma ideia consciente. A teoria de Leibniz, com sua distinção entre inconsciente e consciente, demanda duas. O primeiro passo é a formação da percepção; todos os conteúdos da mente iniciam inconscientes. Então a apercepção acontece; esse é o processo no qual o consciente reconhece, aceita e assimila conteúdos inconscientes." (SAND, 2014, p.8)

Isto também fica evidente em Stout, que dedica um texto específico sobre Herbart e a diferença entre os ingleses. Faz tal comparação mostrando os motivos que o levaram a esta crítica, fazendo Herbart matematizar seu sistema:

> "Como os ingleses, ele baseia suas explicações na doutrina de um mecanismo psicológico. Ele difere parcialmente no modo como concebeu e formulou suas leis de interação e combinação, em explicações mecânicas mais diretas e sistemáticas. Mais adiante isso é claramente ilustrado na sua tentativa de aplicar matemática na psicologia." (STOUT, p.35, 1895)

Essa pretensão de um sistema próprio, que terá influência de conceitos metafísicos leibnizianos e que procura através da matemática se diferenciar

das psicologias vigentes, irá resultar na teoria da dinâmica representacional que funda a psicologia herbartiana.

1.5 Herbart na sombra Fichte e Kant

Para além das diferenças entre psicologia descritiva e psicologia experimental que formavam o contexto histórico de Herbart, há também aqueles que forneceram uma influência de forma mais "direta", na relação mestre-discípulo, como no kantismo de Fichte. Na obra *Crítica da Razão Pura (1781)*, Kant nega que a psicologia possa ser possível como ciência, justamente por conta do método introspectivo que impossibilita a aplicação da matemática.[13]. Sobre esta questão, diz que a matemática "não é aplicável aos fenômenos do sentido interno e suas leis".

A obra de Kant inaugura um problema para a psicologia - Os campos da ciência até então, não estavam devidamente marcados como hoje em dia, especialmente no cenário alemão, que priorizava um saber multidisciplinar (o que pode ser visto, na época, pela pouca variedade de cursos "chave" oferecidos nas universidades). Kant, enquanto ocupava a cadeira em *Königsberg*, ensinava em cursos e publicava livros não somente em filosofia, mas também em matemática, ética, direito. A *Crítica da razão pura*, tida como a principal contribuição filosófica, procura demarcar a velha e contrastante relação entre **racionalismo e empirismo** através da discussão da percepção e das capacidades cognitivas da mente. Arens comenta esse fato:

> Para a psicologia, este modelo filosófico deixou duas orientações importantes: o subjetivismo, derivado da noção das faculdades, onde os processos da mente e dos fenômenos mentais representam uma realidade não correlacionada com a da realidade empírica; E o nativismo (um termo usado apenas na psicologia, não na filosofia), que considera as intuições do tempo e do espaço como uma condição anterior da mente, e não uma experiência aprendida. [,,,] Seu *Antropologia a*

[13] Fechner irá questionar isso posteriormente, no final do século XIX, com as experiências da *psicofísica*.

> *Partir de um Ponto de Vista Pragmático* (1798) representa uma extensão do vocabulário e do repertório conceitual da psicologia das faculdades em psicologia cognitiva ou conceitual - uma psicologia do processamento mental de dados empíricos. Muitas vezes mencionado em conjunto com Kant é o psicólogo J.F. Fries, que em 1820-21 escreveu uma sistematização do trabalho de Kant apoiando-se com fatos biológicos. (ARENS, p.17, 1989)

Mesmo estando entre os primeiros neokantianos, Herbart rejeita aspectos centrais da filosofia kantiana: de que espaço e tempo são intuições *a priori*, de que existem faculdades mentais inatas, de que a razão é a fonte da obrigação moral... Há aspectos em que Herbart segue Kant, mas também outros que necessariamente difere para formar seu próprio sistema. Parte disso está na elaboração que Herbart funda sua metafísica, como mostra Beiser:

> "Ele segue Kant ao distinguir entre *phenomena* e *noumena* que devem ser entendidos como a coerência que a experiência encontra no múltiplo fenômeno flutuante. Os *noumena* são "especulativos", Herbart não significa objetos de intuição intelectual, mas sim as condições transcendentais da unidade sintética dos objetos de experiência. No entanto, onde Kant considerou que *noumena* era incognoscível, Herbart dá um passo adiante para atribuir ato de "auto preservação", uma noção tão opaca quanto importante para sua psicologia. A ideia afirma que todo ser deve ter uma força inerente que o envolve, ou não haveria razão para supor a sua existência contínua: "a idéia de uma força para manter a identidade de alguém" justamente esta autopreservação" (BEISER, p120, 2015)

Dentro da filosofia pós-kantiana, o **Eu** está profundamente implicado nas construções de natureza pessoal que emergem de debates sobre a **liberdade e individualidade**. Por conta disso, uma cadeia de reações se forma entre Kant-Fichte-Herbart. Da mesma maneira que a filosofia de Fichte apresenta

uma reação à Kant, o mesmo efeito continua nos autores seguintes. Desde os anos na universidade de Jena, Fichte foi essencial na formação acadêmica de Herbart, entretanto, há um momento em que o discípulo propõe uma reação à filosofia de seu mestre.

Ao final do século XVIII, Fichte levanta uma perspectiva **idealista** para o problema da natureza do "Eu", buscando desenvolver uma concepção diferente das colocadas pelo mecanicismo e determinismo do século XVIII, pois traziam problemas para a ideia de liberdade. No entanto, todas as vezes que Fichte tentou fazer um descrição racional da identidade, o projeto tropeçou em uma contradição interna entre a liberdade do indivíduo e a natureza sistemática da abordagem conceitual. Isso é verdade quer Fichte comece com justificativas lógicas, quer com um ato de introspecção subjetiva. (FFYTCHE, p.47, 2014)

Resumindo sua tese: através de um idealismo radical, ele coloca o **Eu** como princípio ontológico. Dessa forma, tudo que não é percebido pelo sujeito, classifica de **não-Eu**. Isso irá gerar contradições quanto à ideia de pluralidade. Consequentemente, Herbart leva o problema para o interior do próprio eu: "Foi verdadeiramente do estudo do Ego que parti", declara no prefácio de sua *Psicologia.* É para resolver a contradição da identidade do sujeito que Herbart vai decompor essa pseudo-unidade numa **multiplicidade de representações**. A dinâmica representacional da psicologia herbartiana, sai diretamente dessas contradições metafísicas do **eu**. É interessante constatar que, a partir dessa mesma contradição do ego fichteano, situam-se contraditoriamente: de um lado, a dialética hegeliana, que racionaliza sua dialética; do outro, a metafísica herbartiana que, de certa forma, contorna a aporia para convertê-la no plano da representação, onde ela se desfaz. É mesmo por toda essa *démarche* que se constitui toda a psicologia alemã. (ASSOUN, p.157, 1983)

1.6 Metafísica

Antes de entender a psicologia de Herbart, é necessário começar definindo por quais caminhos que ele elabora sua metafísica, pois existem premissas metafísicas para elaborar os termos psicológicos. Segundo o autor, a metafísica é a "ciência que constitui a experiência, fortemente convencida que somente quando é empregada pode alcançar uma estrita dedução científica [...] O metafísico não tem outro papel a não ser tornar pensável, os conceitos que são apresentados na experiência" (HERBART apud LANGLEY, p.64).

Se voltarmos até Kant, há nele uma distinção entre **duas metafísicas**: A metafísica da natureza e a metafísica dos costumes. Dessa maneira, mostra duas possibilidades de conhecer o homem; uma como ente da natureza (physis) outra através do comportamento (costumes); ambas regidas por leis distintas.

> "Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista fisiológico ou pragmático. – O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático, o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente." (KANT, 2006, p.21.)

Os três pilares que Herbart funda sua teoria estão descritos no título da obra de 1824: *Psicologia como ciência fundada na experiência, metafísica e matemática*. O motivo em que a psicologia deve ser fundamentada na metafísica é justificado:

> "Em repeito as suas ideias fundamentais, ela depende de uma metafísica geral, ainda que a psicologia tenha essa relação peculiar, entre outras questões, que por acaso aparecem na

> metafísica e então devem ser adiadas, são respondidas pela psicologia." (HERBART, p.13,1824).

Dentro do esquema de Herbart, há um princípio ontológico: a **alma (*seele*)** é inicialmente considerada uma substância simples, ou seja, existe por si mesmo, independente de qualquer outra coisa ou causalidade. (A ideia de substância, no seu significado tradicional de necessidade, constitui os eixos de qualquer metafísica).

Neste ponto, Fichte tomava o Eu como substância: "Considerando que o eu abrange todo o círculo absolutamente determinado de todas as realidades, ele é substância...substância é toda reciprocidade pensada em geral. (FICHTE apud ABAGNANO, p.1092). Quando Herbart diz que parte do problema do Eu, é porque herda e procura solucionar essa contradição fichteana.

Como apontado anteriormente, a perspectiva idealista de Fichte inevitavelmente encontra o problema que será o ponto de partida herbartiano: a alma como substância simples, não pode ficar sujeita ao **princípio de identidade e não contradição**, ou seja, não pode ser igual a si mesma. Há um problema entre a relação de substância e de pluralidade, como mostra Kim:

> "Os problemas metafísicos que ele pretende abordar incluem: a coisa como (uma) substância com (muitas) características; causalidade; matéria; e o ego. Ele considera isso problemático porque dão origem a um conceito de dado empírico, embora auto-contraditório [...] há um conflito entre uma suposta unidade, por um lado, com uma pluralidade empiricamente manifesta, por outro. Consideramos que uma coisa é uma substância, mas possuindo uma série de qualidades conflitantes; E consideramos o eu como uma única entidade consciente de muitos pensamentos." (KIM, p2, 2015).

Vejamos qual a relação entre a auto-conservação da alma e a problemática noção de pluralidade:

> Se tudo o que existe é absolutamente simples por natureza e por definição, de onde então vem a multiplicidade? Isso decorre das relações determinadas que são estabelecidas entre um real e outros reais. Em conseqüência dessas relações recíprocas, os reais estão envolvidos em conflitos; E, em conseqüência dessa luta, o *Selbsterhaltung* que constitui essencialmente cada uma delas torna-se uma representação (*Vosrtelung*). Esta é a hipótese de Herbart. As representações (ou, como a psicologia contemporânea expressa, os estados da consciência) são então "apenas esforços da alma para se conservar". Em outras palavras, nossas sensações, nossas idéias, nossas lembranças, tudo o que constitui nossa vida psicológica, existem para nós apenas como efeito nativo ou quanto tendência para uma autoconservação, que, por meio de sua relação com outros reais, é determinada e específica. (RIBOT, p.25, 1886).

A base que Herbart monta a sua psicologia é, portanto, prescrito nesse primeiro aspecto de sua doutrina psicológica: A alma como um conceito simples, imutável e sem nenhuma pluralidade, passa a ser formulada através das contínuas **reações/conflitos** com outras para se autoconservar[14]. Assim, Herbart elabora o psíquico não mais como uma substância imutável (como no caso de Fichte), mas com a condição de constante mudança. (KIM, p.3, 2015). Incluir a alegação de que a alma busca auto preservar-se, é a maneira que Herbart encontra para manter uma noção que não caia na contradição do princípio de identidade. Resumidamente, esses são os meios encontrados para montar seu esquema representacional.

A metafísica herbartiana também herda muitos aspectos do modelo leibniziano. Isso é observado através da **teoria das mônadas,** onde Herbart faz uma analogia entre *representação* e o que Leibniz chama de *real.* Juntamente no "pacote", também acaba por importar para seu sistema as

[14] Essa noção de alma simples como resultado do conflito de representações, também encontra um paralelo em Kant. Em *Princípios metafísicos a toda ciência da natureza*, comenta que há duas alternativas para conceber a matéria e suas relações: o mecânico e o dinâmico. No caso do dinâmico, considera somente duas forças básicas: atração e repulsão. Kant diz: "[...] todas as leis mecânicas supõem leis dinâmicas e uma matéria, enquanto em movimento, não se pode ter uma força motriz a não ser em virtude da sua repulsão ou atração, sobre as quais e com as quais age imediatamente no seu movimento e comunica assim o seu próprio movimento a uma outra matéria"(KANT, p.88, 1786)

noções de **apercepção** e de **limiar da consciência**. Boring aponta a peculiaridade do conceito de apercepção, herdado de Leibniz, e exemplifica:

> "Leibniz também nos deu uma doutrina de graus de consciência e, portanto, também do inconsciente. A pequena *perceptioti* da mônada é inconsciente. O som de uma única gota de água pode ser considerado como uma percepção inconsciente. Esse contínuo passa pela percepção da apercepção. Há muitas interpretações desta visão. As sensações negativas de Fechner eram pequenas percepções. Existe a apercepção de Herbart e Wundt. Existe toda a doutrina do inconsciente, que recentemente tornou-se tão importante e muitas vezes relacionado à apercepção e aos graus de consciência (BORING, p.168,1950)

Dessa forma, Leibniz "deixou" para Herbart um conceito extremamente significante na psicologia e na epistemologia, propondo que não somente memórias, mas conteúdos mentais de todos os tipos – pensamentos, emoções e desejos – poderiam continuar a exercer força fora da consciência. (SAND, p.4, 2014)

A consciência para Herbart só é capaz de tomar uma representação (*real*, no vocabulário leibziano) por vez, todas as demais "devem" estar em outro lugar, para além da consciência (ou pré-conscientes, se utilizazarmos o vocabulário freudiano). Essa é uma peça chave para entender para onde se deslocam representações não-imediatas: além de um limiar da consciência.

Tendo definida a metafísica de Herbart, resta definir o que ele entende como o **objeto de estudo** da psicologia. Na introdução do *Manual de Psicologia* (1816), afirma:

> "O material da psicologia pode ser obtido a partir da percepção interna, relações sexuais com homens de diferentes graus de desenvolvimento, observações de educadores e estadistas, escritos de viajantes, historiadores, poetas e moralistas e, finalmente, de observações sobre pessoas insanas, pessoas doentes e os animais inferiores. O trabalho da psicologia não é apenas colecionar esse material, mas tornar compreensível o total da experiência interior (...)" (HERBART, p13, 1824).

A tarefa da psicologia herbartiana, portanto, é explicar como as representações se relacionam mutualmente para alcançar uma unidade da alma, mesmo estando em constante modificação.

1.7 Psicologia

Apesar de possuir duas obras dedicadas a psicologia, *Lehrbuch der psychologie (1816) e Psychologie als Wissenschaft (1824)*; é a primeira, o *Manual de psicologia* que trata os conceitos de forma mais condensada, devido ao próprio estilo do texto.

Herbart não pode aceitar a velha **teoria das faculdades mentais** da qual tanto os empiristas ingleses, quanto o próprio Kant, tomavam como necessária- A que consiste em afirmar que a consciência/ fenômenos mentais são derivados a partir de determinadas "forças", classificando-as em representação, sentimento e desejo. Essa proposta é motivo de diversas críticas por parte de Herbart, especialmente na primeira metade do *Lehrbuch der psychologie*. Ele diz que ao aceitar faculdades inatas na "alma", a psicologia estaria se aproximando de uma **mitologia**.

> "Agora, se nessas classificações vagas e não científicas, adiciona-se uma teoria das faculdades mentais qual supostamente possuímos, então a psicologia é transformada em uma mitologia na qual ninguém considera séria" (HERBART, p.14, 1816)

A noção de *real* herdada de Leibniz busca mostrar a individualidade do "Eu", que não pode estar subordinado a uma teoria de faculdades inatas, como pretendia Kant e os associacionistas. Além disso, Herbart não acreditava que a psicologia poderia ser construída a partir de pura dedução e argumentação

lógica, por isso foi buscar na matemática o suporte que acreditava ser necessário para seu sistema. Se não fosse possível realizar o uso do cálculo na psicologia, ele acreditava não haver a possibilidade de psicologia como forma de conhecimento. Dessa forma, acreditava que representações mentais deveriam estar sujeitas a leis de interação.

Como visto anteriormente, Herbart não descarta totalmente a **introspecção** qual critica, mas alega que uma teoria que se baseie puramente em um processo introspectivo como método, irá carecer de cientificidade (diferente do método da física, onde se pode examinar, comparar e classificar os fenômenos), ocasionando generalidades. Essa é uma crítica em comum, também feita pelos autores alemães da escola experimental.

> "A auto-observação mutila os fatos da consciência no próprio ato de apreendê-los, destrói-os do contexto necessário e entrega-os a uma abstração desordenada." (HERBART, p.14, 1824)

1.8 *Vorstellungmechanik*- a "dinâmica" representacional[15]

Fica claro que há um esforço para encaixar a psicologia dentro de um modelo de ciências naturais, sabe-se que esse foi um desafio comum em muitos autores do séc. XIX. No caso de Herbart, isso está na sua tentativa de **matematizar** os fenômenos psíquicos. Naquele período a física reinava como o grande modelo de todas as ciências, a ciência perfeita na qual todas outras deveriam se basear. Dentro desses ideais científicos, há uma originalidade de Herbart:

[15] Uma nota importante está no uso da palavra *mechanik* por parte de Herbart. Isso porque se seguirmos o modelo kantiano há duas opções distintas de concepção de ciência: um ponto de vista mecânico/atomista; e outro dinâmico que comporta a noção de força. (como no caso da física newtoniana). Apesar de Herbart utilizar o termo *mechanik*, esse jogo de forças entre representações está na verdade, sob uma perspectiva dinâmica.

> "Esse ideal era o mais difícil em aplicar na psicologia; um grande número de tentativas foram feitas, mas nenhuma foi tão grande, e tão intrigante quanto a de Herbart. Herbart produziu o mais elaborado modelo mecânico da mente que o mundo já havia visto. [.....] Herbart acreditava que, de modo a alcançar validade científica, um modelo de mente teria de ser como a mecânica newtoniana, teria que dar conta do fenômeno psicológico a partir de "matéria em movimento" e de leis matemáticas universais. (SAND, p.135, 2014)

Não há intenção, nesse texto, de se aprofundar na maneira qual Herbart elabora os cálculos matemáticos[16]. A fim de evitar essa complexa tentativa, é mais didático e necessário começar, com intuito explicativo, retomando a tese metafísica qual ele sustenta sua psicologia.

Uma vez que a alma é tomada como uma substância simples que tende a **auto conservar-se**, cada nova representação constitui um ato particular pelo qual a alma se conserva. Essa noção se constrói sob uma dinâmica, ou seja, representações mentais são **forças** susceptíveis de escalonamento de graus. A alma na metafísica de Herbart não é uma força em si, na verdade o conceito de força está ligado à oposição de representações, que surgem na consciência a partir dessa dinâmica. Para ele, representações se tornam forças quando estas resistem umas as outras. Essa resistência ocorre quando duas ou mais representações opostas se encontram. (HERBART, 1824, p.15) Isto mostra um caráter "passivo" ao psiquismo, em comparação com a psicologia associacionista, que buscava um acesso individual pela associação direta ao conteúdo representado.

Dessa maneira, Herbart cria uma complexa nomenclatura para tratar dos processos mentais. A noção de obscurecimento (*Verdunkelung*) dá possibilidade de haver um destino para as representações, ou seja, um lugar para toda a "massa de percepções". Essa afirmação remonta às noções de *Petites apperceptions* herdadas do esquema metafísico leibniziano, que agora

[16] Ver complexidade dos cálculos no anexo 3.

podem ser chamadas de *representações inconscientes* se formos considerar um esquema psicológico. Vejamos como Herbart mostra isso no *Manual*:

> "Aqui a expressão "limiar da consciência" deve ser explicada, pois teremos de usá-la. Um conceito está na consciência, na medida em que não está suprimido, mas como uma representação. Quando surge de uma condição de supressão completa, ela entra na consciência. Assim, está no limiar da consciência. É muito importante determinar, por cálculo, o grau de força que uma representação deve atingir para poder ficar em um dos lados, de modo que, ao menor esforço, começam a entrar na consciência." (HERBART, p.16, 1824)

Fulgencio, mostrando o posterior interesse de Freud em estabelecer uma analogia com as ciências naturais, comenta:

> "Essas hipóteses, que não são da mesma natureza que as advindas da observação, são, propriamente, como ele dirá referindo-se à noção de "aparelho psíquico", ficções teóricas (1900a, p. 603) que ajudam a "estabelecer as leis que regem [os fenômenos psíquicos], e acompanhar, em longas séries, sem lacunas, suas relações recíprocas e suas interdependências" (1940, p. 158). Com o auxílio dessas ficções, Freud espera obter um controle do material empírico de modo que ele possa procurar as explicações que venham completar as lacunas que ficam no entendimento dos fenômenos quando o cientista ficar estrito apenas ao campo descritivo, buscando, pois, descobrir séries completas sobre as determinações causais que os produzem." (FULGENCIO, p.6, 2003).

Herbart dá um passo adiante quanto a essa noção de representações inconscientes, anteriormente presentes em Kant e Leibniz. Elabora uma espécie de física e lógica dos processos mentais, formulando uma complexa terminologia para demonstrar como ocorre o funcionamento dinâmico do que chama de *Vorstellungmechanik*. Passando agora de conceitos metafísicos para

conceitos psicológicos, encontram seus pares: *alma e consciência, reais e representações, apercepção e inconsciente*.

Como resultado do processo de recalcamento (*hemmung*) as representações flutuam entre um estado de consciente e um estado de tendência (*streben*). Agora em termos psicológicos, esse pode ser entendido como o movimento de tornar representações conscientes (enquanto real) e inconscientes (enquanto tendência). Nas palavras de Herbart:

> "Por limiar da consciência (*Schwelle des Bewusstseins*), quero dizer dos limites que as representações parecem se sobrepor, pasando de um estado de parada e completa repressão a um estado de representação real." (HERBART, p.43, 1816)

Os estados de consciência resultam apenas dos "eforços" que cada representação faz para se autoconservar frente a relações com outras representações. É aqui que Herbart acredita haver possibilidade de matematização, pois se pode pensar em uma magnitude das representações: Há representações mais fortes e representações mais fracas. A tarefa da psicologia é então estabelecer leis estáticas e dinâmicas da mente. No entanto, algumas considerações devem ser levadas, especialmente quanto à natureza das percepções, qualitativas ou quantitativas, que não se misturam:

> "Toda representação tem uma qualidade determinada que é invariável; A percepção de vermelho, por exemplo, nunca pode se tornar o percepção de azul. Mas toda representação tem também um valor quantitativo que é variável, ou seja, seu grau de intensidade, de força; em outras palavras, sua clareza. De fato, nossas representações são realmente forças que se esforçam entre si. Suponhamos, como diz Herbart, que um homem fala uma língua estranha à você; Você percebe que cada palavra quando não pronunciada muito claramente, deixa sua memória imediatamente" (RIBOT, p.30, 1895).

Entre os termos usados para explicar o funcionamento da "mecânica representacional" estão: *Klarheitsgrad* (grau de clareza), *Hemmung* (recalcamento), *Verdunkelung* (obscurecimento), *Komplikation* (complicação), *Apperception* (apercepção), *Reproduktion* (reprodução), *Widerstand* (resistência), *Streben* (tendência), *Rest* (resíduo), *Schwelle* (limiar). Vejamos como Assoun esclarece esses conceitos:

> "Em primeiro lugar, só representações de natureza idêntica são capazes de se opor umas às outras e, correlativamente, somente essa oposição é susceptível de ser graduada(...)Em segundo lugar, essa oposição é susceptível de radicalizar-se em resistência (*Widerstand*). Ora, o efeito desse conflito não poderá ser o aniquilamento das representações incompatíveis, pois isso voltaria a significar que a alma, princípio gerador das representações, deixa de conservar-se- o que é mais impossível, pela definição mesma da função representativa. Mas tampouco elas podem permanecer não modificadas por esse conflito: há possibilidade observável de tal representação ser *recalcada* por tal outra – é neste sentido que Herbart emprega os termos *vendragen e verdrangung*. O destino intermediário das representações que não podem ser destruídas nem conservadas *quo ante* consiste em transformar-se em tendências (*Streben*). Herbart chama de recalcamento (*Hemmung*) o processo pelo qual a representação se vê limitada por sua oposição a uma outra" (ASSOUN, 1981)

As equações **matemáticas** com que Herbart procura explicar as relações entre as representações são um tanto obscuras, e esse foi um dos motivos da crítica e posterior "fracasso" de seu sistema. A concepção de que as representações se opõe umas às outras, de maneira gradual, é a forma com que procura aplicar o cálculo. Escreve:

> "Se agora conectartarmos... a diferença entre as representações em termos de intensidade [*starke*], por um lado, com a magnitude da oposição mútua, por outro lado, então, em cada caso, a magnitude do escurecimento resultante em uma inibição; E também [a magnitude] da representação real restante. Aqui, o cálculo [rechnung] encontra seu objetivo." (HERBART, p.136, 1824).

São tomadas duas considerações para montar o cálculo matemático: a soma de recalcamento *(summe der hemmung*) e taxa de recalcamento *(hemmungs-verhältniss*). Herbart chama de **soma de recalcamento** o total de forças opostas, ou seja, o total de inibição exercido por representações opostas entre si, que produzem um estado de equilíbrio. A **taxa de recalcamento** é a proporção na qual a soma de inibição é dividida, individualmente, entre as representações conflitantes. (KIM, p5, 2015).

Herbart monta algumas complexas equações que determinam de que maneira as representações flutuam entre um nível consciente e inconsciente. Os cálculos pretendem demonstrar como a vivacidade das representações são as responsáveis por criar o constante fluxo representacional na consciência.[17]

Resumindo o processo da *Vorstellungmechanik*:

1. Representações se tornam forças quando estão em recíproca oposição

2. Em consequência desse conflito, perdem um *quantum* de intensidade, onde a mais fraca passa a ser "reprimida" e se torna inconsciente.

3. Nenhuma representação pode ser destruída, a "repressão" não tem outro efeito senão diminuir a tensão e recalca-la a um estado de "tendência" inconsciente.

4. Quando duas representações estão em equilíbrio e uma é reprimida, há o "obscurecimento"

[17] Ver anexo

5. Quando uma representação emerge desse obscurecimento, Herbart chama de “movimento/facilitação”.

6. O cálculo desse equilíbrio e movimento de representações é o objeto de estudo da estática e da mecânica da mente, que deve ser tratado com o método matemático.

O esquema psicológico de Herbart dá possibilidade para que se construa tanto uma psicologia quanto uma teoria da aprendizagem - essa foi a finalidade do autor ao seu tempo, como pode ser observado nas posteriores obras dedicadas à Pedagogia. Tratando matematicamente representações como quantidades, possuindo magnitude e direção, Herbart conceitualizou as oposições entre elas como um conflito entre *forças de vetores*. Basicamente a mesma concepção que serviu como base para a psicodinâmica freudiana. (Erwin, p.534, 2002)

O modelo no qual Herbart construiu essas forças, seu “mecanismo psíquico”, lembra muito o “aparato psíquico” de Freud. Representações existem em três diferentes estados: as que foram conscientes em certo momento; outras que estão fora da consciência, mas acessíveis a ela (pré-consciente freudiano). Outras que são inacessíveis (inconsciente freudiano). Como uma prévia à segunda parte deste trabalho, vejamos o que diz Erwin, sobre essa herança de Herbart em Freud:

> “Quando Freud toma emprestado o modelo de Herbart, ele mantém o escopo mas muda radicalmente o conteúdo. O modelo de Herbart era focado em cognição; pensamentos de todos os tipos competiam uns com os outros pela atenção da consciência. A repressão podia ser momentânea e o conflito inevitável. O contínuo conflito, oposição e negação que acontecia entre representações constituíam o funcionamento normal da mente. Freud adaptou o modelo para dar conta da guerra entre os instintos primitivos e as demandas da civilização. [...] No modelo de Herbart, a energia da mente surge nela mesma. Freud deu ao mecanismo uma fonte de força fora da mente; energia fluindo de instintos primários ancorados no corpo, e essa foi a natureza sexual. Dessa maneira, um problema de descarga foi criado; o mecanismo

deveria constantemente se livrar dessa energia incessante. Sendo que a censura era imposta pela sociedade, o conflito tornou-se patogênico. Dramaticamente modificada, o mecanismo psíquico de Herbart serviu de apoio para a teoria freudiana das neuroses." (ERWIN, p.535, 2002)

2. O fio histórico de um modelo

2.1 Um referencial teórico

De fato, impacto da psicanálise na cultura durante o século XX foi enorme, fazendo o senso comum inevitavelmente associar a palavra inconsciente ao nome de Freud. A bibliografia sobre a disciplina é imensa, assim como as "leituras psicanalíticas" em sociologia, direito, antropologia e outras humanidades. Parece haver certo consenso de que o "pai" da psicanálise teria criado o termo somente a partir das observações clínicas, como se não houvessem percursores. Claro que há características e um uso original na noção de inconsciente freudiana, mas é imprudente desconsiderar todas as transformações que um conceito sofre historicamente; sobretudo, nas relações mestre-discípulo nas diferentes escolas de pensamento.

Boa parte dessas convicções parte dos próprios biógrafos de Freud, que muitas vezes montam um esquema historiográfico que limita a pré-história da psicanálise ao percurso do próprio Freud. Essa crítica é comentada inclusive por biógrafos mais recentes de Freud. Vejamos a crítica de Sand, sobre essa tendência na historiografia da psicanálise, e do tardio estudo da influência de Leibniz:

> "Confiando em Freud, seus seguidores acreditavam que ele havia introduzido um conceito momentâneo: o inconsciente ativo. Seguindo esses passos, aceitaram que antes de Freud o inconsciente era considerado puramente inerte, estático. O dicionário psicanalítico, Vocabulário de Psicanálise, de J. Laplanche e J.B. Pontalis, é útil quando traz a gênese de conceitos freudianos, mas geralmente falha ao tomar notas da história, dizendo simplesmente que" a psicanálise substitui um conceito de inconsciente descrito como estático por um dinâmico [...] David Rapaport e Merton M. Gill, estudaram a pré-historia nos anos 1950, desenterrando princípios da psicologia leibniziana que modelaram o pensamento de Freud. [...] De acordo com Rappaport e Gill, ambos os pontos de vista, o "dinâmico" e o "econômico", eram necessários pera teoria "porque a psicanálise necessita – assim como a

> física – de conceitos de energia e força. (1967, p.796)" (SAND, p.4 - 21, 2014)

Biografias amplamente difundidas como a de Ernest Jones *(The life and work of Sigmund Freud*, 1961) e de Peter Gay (*Freud: a life for our times, 1989*) ainda que ricas em detalhes pessoais da vida do autor carecem de maior profundidade em detalhes da formação de Freud. A relação com Brentano, por exemplo, é inevitavelmente comentada dada a relação direta como aluno, mas um entendimento dos "problemas" que fundamentam a psicologia de Brentano, ou das diferenças de formação entre os autores, necessita de um estudo mais aprofundado. Há uma parte da pré-história da psicologia que parece ser colocada como um movimento paralelo e autônomo à pré-história da psicanálise.

Claro que delimitações são indispensáveis dentro de um trabalho que busque clareza conceitual, por este motivo, focar no modelo psicológico de Herbart em relação à gênese da psicanálise foi necessário. Estudar de forma ampla tudo que envolve o conceito de inconsciente seria uma tarefa magna, que em parte foi trabalhada por alguns autores. A obra de Ellenberger[18], que será usada como referência, mostra especificamente a história da noção de inconsciente dinâmico, ou nas palavras do próprio autor: psiquiatria dinâmica.

Outra referência a ser tomada nesta segunda parte da dissertação, é o trabalho do sueco e historiador Ola Andresson (1919-1990). Menos interessado em uma abordagem ampla da noção de inconsciente, Andresson foca-se especificamente em Freud, sem deixar de mostrar os traços do herbartismo no texto freudiano.

Roudinesco(1998) comenta que o estudo da obra de Herbart e seu lugar implícito na obra de Freud quase não suscitaram trabalhos consistentes. Entretanto, em nota no seu *Dicionário de Psicanálise*, cita os autores que até então fizeram alguma referência:

[18] Henri Ellemberger(1905-1993), historiador e psiquiatra franco-canadense. Autor do clássico *The Discovery of unconsciouss(1970)*.

> "Em uma conferência de 1911, publicada três anos depois, Luise von Karpinska, uma psicóloga polonesa, foi a primeira a estudar a importância da doutrina dinâmica de Herbart na gênese do pensamento freudiano. Depois dela, Maria Dorer tentou mostrar que Freud fora marcado pelo herbartismo, através do ensino de seu mestre Theodor Meynert*. Posteriormente, Siegfried Bernfeld* pôs em evidência a importância que a leitura do manual de Lindner, *Lehrbuch der Psychologie von Standpunkte des Realismus und nach genetischer Methode*, publicado em 1857, tivera para jovem Freud." (ROUDINESCO, p.330, 1998)

Mesmo com os apontamentos citados, de uma historiografia da psicanálise que credita o herbartismo no modelo de Freud, há casos de negação, ou desvalorização dessa influência:

> "[...] enquanto Freud certamente escreveu, no ínicio, na linguagem da psicologia de Herbart, não parece que esta psicologia tenha tido grande estímulo para ele, que descartou e deu novos significados aos conceitos; ainda mais importante, não parece que os conceitos de Herbart foram úteis para a solução de quaisquer problemas concretos nos quais Freud foi confrontado." (HARTMANN apud SAND, 2014 , p.132)

Todos esses obstáculos ao estudo – a aplicação do conceito de inconsciente; a dificuldade de historicizar conceitos da mente; a confusão paradigmática com relação aos termos do idealismo alemão; e a resistência da psicanálise à sua historização – prejudicaram de uma maneira ou de outra a capacidade dos historiadores de avaliar a importância da intersecção entre teorias do inconsciente e teorias da psique do século XIX, ou das associações que avança, para novos relatos de individualidade e interioridade na modernidade. (FFYTCHE, p.27, 2014). Entender o relacionamento entre os termos da psicanálise e o seu início no contexto idealista pós-kantiano onde

Herbart se encontra é uma parte necessária, apesar de pouco comentada na história da disciplina.

Os textos pré-psicanalíticos *Sobre Afasias* e *Projeto para uma psicologia Científica* e serão usados para ilustrar um primeiro referencial. A ideia nesse ponto será mostrar as diferentes influências acadêmicas de Freud. Como aponta Ellenberger:

> "Há alguns princípios básicos no Projeto 1895; Eles foram desenvolvidos em um sistema extraordinariamente complexo; Dessa maneira, para quase todas as funções psicológicas e manifestações psicopatológicas foram dadas uma explicação. [...] Para tornar o projeto inteligível deve ser colocado neste contexto, isto é, na longa linha de evolução, o trabalho que começou com Herbart. [...] O Projeto de Freud é apenas uma descendência tardia desta visão especulativa. Sua inicial filosofia dinâmica e especulativa pode ser rastreada até Herbart, e a maior parte de suas teorias energéticas pode ser vista em Fechner. [...] As três outras principais fontes do Projeto são Brucke, Meynert e Exner. "(ELLENBERGER, p.478-479, 1970).

Os conceitos que formam a primeira tópica serão posteriormente trabalhados no texto de 1915, *O inconsciente*. Nessa segunda análise, pretende-se criar o link conceitual entre conceitos herbartianos apresentados na primeira parte do trabalho.

2.2 A formação clínica: psicopatologia

O termo "inconsciente" permeia praticamente todos os campos da cultura no século XIX, não é puramente um problema que surge no meio médico vienense. Psiquiatria, religião, filosofia, história, psicologia, literatura são os interessados mesmo que com concepções distintas sobre o tema, pois evidentemente, há distinções entre o que se "chama" de inconsciente em cada um desses contextos.

Ainda que haja uma sólida versão da pré-história da psicanálise em episódios como Charcot, Janet ou Breuer, sobretudo a partir dos escritos de Ernest Jones, isso não significa que sejam fatos irrelevantes. No entanto, há alguns outros pontos indispensáveis dessa historiografia.[19]

A **hipnose** aparece com frequência nos estudos de pré-história da psicanálise, sobretudo, da maneira como chega a Freud através de Charcot. Historicamente, a técnica abandonada por Freud, tem antecedentes que remetem a Franz Mesmer (1734-1815). Suas respectivas teorias sobre o **magnetismo animal** seguiam um princípio **vitalista**, que acreditava que todo indivíduo carregava um magnetismo/energia vital[20]. Qualquer desequilíbrio do chamado *magnetismo animal* seria o responsável por doenças de ordens diversas. A partir disso, Mesmer fazia o uso de ímãs, água e outras práticas na

[19] Cazeto (2000) faz uma leitura de documentos a fim de recuperar o movimento de práticas clínicas do final do século XVII e século XIX; teorias que teriam favorecido a constituição de um campo de visibilidade de fenômenos relacionados com uma "dimensão não consciente do homem". Dessa forma, mostra a corrente sucessiva de pensadores que transformaram o magnetismo animal e sonambulismo até chegar ao conceito de hipnose. Nesse contexto, analisa o papel de nomes como Puységur, Braid, abade Faria, Mesmer, Janet e Charcot.

[20] Contrariamente, uma das características da escola fisiológica de Helmholtz era descartar qualquer **princípio vitalista**, a fim de eliminar posições que consideravam não científicas. Entretanto, o princípio dinâmico é mantido, como se pode observar no juramento epistemológico de Du Bois-Reymond(importante nome que pertencia à escola): "Brücke e eu nos comprometemos a impor esta verdade, a saber, que somente forças físicas e químicas, com exclusão de qualquer outra, agem no organismo. Nos casos em que, até o momento, não é possível explicar referindo-se a essas forças, [o cientista] deve empenhar-se em descobrir o modo específico ou a fonte de sua ação, utilizando o método físico-matemático ou, então, postular a existência de outras forças, equivalentes em dignidade às forças físico-químicas inerentes à matéria, redutíveis à força de atração e repulsão"(Du Bois-Reymond, apud Shakaw et Rapaport, 1964, p.34)

cura de pacientes. A prática de Mesmer, tal como o expôs em 27 pontos no ano de 1779, pode ser avaliado em quatro princípios básicos. (1) Um fluido físico sutil [inconsciente] enche o universo e forma um meio de conexão entre o homem, a terra e os corpos do céu, e também entre o homem e o homem. (2) A doença é originária da distribuição permanente deste fluido no corpo humano; A recuperação é obtida quando o equilíbrio é restaurado. (3) Com a ajuda de certas técnicas, o fluido pode ser encaixado, armazenado e transportado para outras pessoas. (4) Desta forma, "crises" podem ser provocadas em pacientes e doenças curadas. (ELLENBERGER, 1970, p.62). Quanto ao procedimento básico das curas, vejamos um resumo:

> "A manobra terapêutica básica da Mesmer foi o passe magnético. Pacientes e terapeutas em oposição um ao outro, joelhos tocando, enquanto o mais velho move sua mão para baixo da cabeça do paciente até a virilha em repetidos movimentos de varredura. Em resposta, o paciente sentiria calor espalhando-se sobre seu corpo e sucumbir, finalmente, à "crise" terapêutica, uma convulsão com todas as indicações do que é chamado de crise histérica, da qual se pode despertar sem sintomas. Igualmente, crises efetivas poderiam ser produzidas pelo toque de objetos sobre os quais o mesmerista passou magnético, o mais comum sendo o *baquet*, uma grande banheira coberta cheia de água, pedaços de vidro e limas de ferro". (P. 209, NEMIAH, 1988)

As práticas de Mesmer eram, como se observa, duvidosas. Após tentativas sem sucesso de buscar respaldo na Academia de Ciências; o rei nomeou quatro médicos para examinar o magnetismo animal[21] juntamente a outros famosos nomes da época: Bailly, Benjamin Franklin e Lavoisier. A prática do magnetismo, dessa forma, permaneceu em condição de medicina marginal, não sendo aceita nos círculos acadêmicos franceses. Entretanto, por volta de 1843, James Braid (1795-1860) assistiu sessões de um magnetizador francês, intrigando-se com a possibilidade de existir ali um fenômeno

[21] Neste relatório em questão, analisaram Charles Deslon (1750-1786), magnetizador aluno de Mesmer.

interessante, elaborando uma teoria neurológica e apelidando de neurohipnologia, o estudo do fenômeno da hipnose. (CAZETO, 2000, p.51)

Mas afinal, vejamos qual é a importância do mesmerismo – O tratamento de Mesmer pode ser interpretado como primórdio da hipnose. Dessa maneira, ele acabou sendo responsável por introduzir o hipnotismo dentro de um ambiente que se propunha ser científico, ainda que as teorias e a maneira como ele pretendeu defender suas teses não deixassem isso explícito:

> "Charcot, ao fazer uma comunicação à Sociedade de Biologia sobre a ação dos ímãs em distúrbios histéricos, em fevereiro de 1878, faz um retrospecto histórico desta prática, remetendo-se à pesquisas de Andry e Thouret sobre o uso do ímã em medicina, no final do século XVIII[...]Aos olhos de Charcot, portanto, Mesmer teria estado com a chave do seu enignmático procedimento em ãos, exatemente no início de seus trabalhos; e então desviou-se. Mas tampouco a Charcot vão bastar os ímãs; em agosto deste mesmo ano ele usará, pela primeira vez, o hipnotismo"(CAZETO, 2000, p.238)

Jean Martin Charcot foi professor de Freud e um famoso neurologista francês que se preocupava, dentre outros problemas neurológicos, com a etiologia das neuroses de histeria**.** Havia na época, casos de cegueira e paralização motora que não mostravam necessariamente um correlato fisiológico (lesão cerebral), e que supostamente implicaria uma causalidade psicológica. Esse tema também passou a ser objeto de investigação por parte de Freud, que ainda jovem em formação, assistia os seminários do professor devido a um estágio no hospital de Salpetrière.[22] "A histeria se comporta como se anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento dela" (FREUD, 1893).

Em seus seminários Charcot hipnotizava os pacientes, e através de técnicas induzia-os a estados de sonambulismo onde a patologia "desaparecia". Charcot via na hipnose/sugestão uma maneira de cura para os tipos de sintoma estritamente mentais, e dessa maneira deixava em aberto

[22] Ver apêndice 3.

também, uma hipótese de que existiriam fenômenos inconscientes. Nas palavras de Freud:

> "As experiências hipnóticas, aliás, especialmente a sugestão pós-hipnótica, demonstraram de modo tangível a existência e maneira de operar o insconsciente psíquico, antes mesmo da época da psicanálise" (FREUD, p.77,2014)

Fulgencio (2003) resume esse episódio de Charcot, fundamental no entendimento da histeria e na própria constituição da psicanálise:

> "Vejamos, inicialmente, o que se dizia sobre a histeria no período em que Freud não tinha ainda formulado suas próprias explicações. Segundo Charcot, essa patologia resultava de idéias inconscientes agindo na mente do doente, surgidas após uma situação traumática, que ocorria em pessoas predispostas organicamente à doença. A Escola de Nancy, com Bernheim, indicava o poder da sugestão hipnótica como método de tratamento psíquico. Apoiado nos trabalhos de Charcot, Janet também defendia a idéia de que os sintomas na histeria resultavam de idéias inconscientes que agiam deforma independente no interior do paciente; essa independência derivava de uma dissociação psíquica, que separava as representações em conscientes e inconscientes, e era creditada a um fracasso da síntese mental (numa situação traumática) devido a uma incapacidade congênita (Freud 1913, p. 207). Esse conjunto de dados e hipóteses levou Freud a uma constatação que lhe serviu de ponto de partida para a constituição da psicanálise: a histeria era uma patologia que teria origem numa situação traumática que acabava por produzir idéias inconscientes no interior do psiquismo; essas idéias estariam ativas e agiriam sobre o paciente, produzindo seus sintomas." (FULGENCIO, p.7,2003).

Havia diferenças entre aqueles que empregavam a hipnose como técnica clínica, mesmo dentro da escola francesa (Charcot x Bernheim). Mas não é de importância explicitá-las agora. Apesar do inicial interesse, Freud se afasta da hipnose como forma de tratamento, e caminha na direção de outro grande mestre de sua formação, Josef Breuer (1842-1925). Roudinesco comenta:

> "Influenciado ao mesmo tempo pelos ensinamentos de Charcot e Berheim, Freud abandonou rapidamente a hipnose pela catarse de Josef Breuer, como demonstrado nos Estudos sobre Histeria. As razões desse abandono e desse desinteresse foram objeto de muitos comentários contraditórios. Elas são, no entanto, muito simples. Se Freud não gostava da hipnose considerando o hipnotismo uma técnica bárbara que só era aplicável a um número restrito de doentes, era porque a adoção da psicanálise como técnica de verbalização dos sintomas pela palavra permitia ao paciente falar livremente e de modo consciente, sem ter a necessidade de recorrer a um sono artificial." (ROUDINESCO, p.23, 2000)

A originalidade de Freud acontece por se afastar de um *magnetismo* que foi transformado em *hipnotismo*; para posteriormente criar a noção de **associação livre** - Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem a mente, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea. (LAPLANCHE et PONTALIS, p.38, 2012).

2.3 A formação teórica: fisiologia

Dentro de uma perspectiva paralela aos desdobramentos do hipnotismo, está a escola **fisiológica alemã**, que como visto anteriormente, tem uma proposta experimental. Essa era a fisiologia, que com os avanços científicos da **medicina,** buscava correlatos entre funções psicológicas e o sistema nervoso

cabíveis de mensuração. Vejamos como Freud se situa, sob aspectos dinâmicos e mecânicos, entre essas escolas:

> "A hipótese fisiológica mencionada – à qual aderiram Charcot, Janet e mesmo Breuer– opta por uma perspectiva mecânica. Projetando, por analogia, uma situação física em uma situação psíquica, tudo se passa como se, numa máquina, uma peça, que liga uma de suas partes às outras, tivesse sido danificada, de forma que um lado dessa "máquina psíquica" funcionaria de forma independente, produzindo os sintomas observados. Pode ser dito,sobre esse tipo de análise, que foi orientada por um ponto de vista mecânico"[...] Freud, no entanto, foi formado noutra linha de pesquisa, da qual participavam Fechner, Helmholtz e Brücke, e cuja perspectiva de explicação é diferente da mecânica.Para esses pensadores, o ponto de vista mais adequado para servir como guia na busca deexplicações sobre os fenômenos e suas causas é o dinâmico: este supõe a interação deforças em conflito como um quadro no qual as explicações são procuradas. Nessa perspectiva, os fatos observados devem ser estruturados e relacionados não em função de supostas falhas mecânicas, mas sim de supostas forças em conflito. O juramento epistemológico de Brücke e Du Bois-Reymond apresenta uma formulação metodológicaexplícita sobre o que significa adotar o ponto de vista dinâmico na prática científica. (FULGENCIO, 2003, p.8)

Há um contraste evidente entre **franceses e os alemães:** os primeiros acreditavam poder obter informações relevantes para a clínica ao destacar sinais e sintomas e *correlacioná-los* com estados e alterações orgânicas, abrindo espaço para possíveis estratégias terapêuticas; já os alemães davam um passo adiante, e imaginavam *explicar* o fenômeno clínico por meio de descrições dos processos anatomofisiológicos subjacentes a eles, estabelecendo, mais do que uma correlação, uma causalidade direta entre um nível e outro. (BEZERRA, p.82, 2013)

Vejamos a que esses fatos correspondem na gênese histórica da psicanálise - Freud ingressou na Universidade de Viena em 1873, com dezessete anos, e logo se interessou pelas aulas de "Biologia e Darwinismo",

que eram dadas por Carl Claus (1835-1899) e “Fisiologia da Voz” dada por Ernst Brücke(1819-1892), cientistas que representavam a escola alemã vigente:

> “O instituto Brucke era, na verdade, uma parte importante desse abrangente movimento científico mais conhecido como a Escola de Medicina de Helmholtz. A fascinante estória dessa escola científica iniciou-se no começo da década dos quarenta, com a amizade entre Emil Du Bois-Reymond (1818-1896) e Ernst Brücke (1819 – 1892), logo acrescida de Hermann Helmholtz (1821 – 1894) e de Carl Ludwig (1816 – 1895). Desde os seus primórdios, esse grupo foi impulsionado por um verdadeiro espírito de cruzada. Em 1842 escreveu Du Bois: “Brucke e eu formalizamos um juramento solene para levar a prática à esta verdade: Nenhumas outras forças, a não ser as físico químicas comuns, acham-se em ação ativa no interior do organismo. Nos casos em que não se possam obter informações através dessas forças, eventualmente, ter-se-á de encontrar um caminho específico ou a forma de sua ação por intermédio do método físico-matemático ou admitir novas forças, idênticas em dignidadeàs forças químico-físicas inerentes à matéria, e que são redutíveis à força de atração e repulsão” (JONES, p.73, 1961)

Foi no instituto de Brücke que Freud conheceu Ernst von Fleischl-Marxow e Josef Breuer, e foi em contato com essa proposta de medicina positivista que se afastou definitivamente da filosofia, e principalmente do ensino de Franz Brentano, orientando-se para uma concepção ao mesmo tempo darwinista e helmholtziana da psicologia, à qual anexaria o modelo herbartiano. (ROUDINESCO et PLON, 1998, p 110). Como mostra Andersson, essa relação entre psicologia e fisiologia torna-se interessante quando há um emprego de conceitos da psicologia de Herbart pelos fisiologistas:

> “[...] a psicologia herbartiana, como o associacionismo, tornou-se a psicologia dos primeiros estudiosos da anatomia e

> do cérebro, durante a fase especulativa que passou a ser definida como 'mitologia do cérebro': nessa época, a concepção do funcionamento cerebral baseava-se no modelo dos processos psicológicos descritos pela psicologia herbartiana e pelo associacionismo." (ANDERSSON, p.42, 2000).

Além da influência das aulas de Brücke, Theodor Meynert (1833-1892), também foi professor de Freud. Meynert foi um desses fisiologistas que carregaram conceitos herbartianos em seus trabalhos. E é devido a este episódio que se levanta a hipótese sobre o fio condutor desse modo de pensar na formação de Freud em neurologia.

Outra espisódio que pode esclarecer como o modelo de psicologia dinâmica "circunda" a formação de Freud pode ser explicada a partir do *Manual de psicologia* de Lindner[23], que foi usado por Freud ainda durante sua formação escolar no último ano do *gymnasium.* Esse manual era obrigatório nas escolas da Áustria e Alemanha. De fato, quando Freud foi educado no ginásio e na universidade, conceitos filosóficos sobre o inconsciente eram decorrentes, e Freud era consciente de pelo menos alguns deles[24]. Assim, não é surpreendente constatar que, do começo do século dezenove, pode-se traçar o desenvolvimento de uma psicologia do inconsciente que é um contínuo dos princípios fundamentais constidos na metapsicologia freudiana. Mesmo o conceito de psiquismo em forma tripartida, nãoera novidade; pois já estavam claramente descritos na *Encyclopedia Britannica*." (Erwin, p.778.2002). Esse fato é crucial para especular sobre como o herbartismo chega até Freud:

[23] Gustav Adolf Linder (1828-1827)- psicólogo checo, aluno direto de Herbart e autor de *Lehrbuch der Psychologie von Standpunkte des Realismus und nach genetischer Methode*, publicado em 1858. Foi um manual de psicologia amplamente usado após os anos 50 do século XIX, baseado em conceitos herbartianos.

[24] Havia também, muitos outros manuais que empregavam conceitos similares aos de Lindner, como por exemplo*: Moritz Wilhelm Drobisch- "Empirische Psychologie nachnaturwissenschaftlicher Methode" [1842]; Theodor Waitz- "Lehrbuch der Psychologie als Naturwissenschaft" [1849], Wilhelm Volk-mann- "Lehre von den Elementen der Psychologie als Wissenschaft "[1850], Robert Zimmermann- "Philosophische Propädeutik" [1867]* e *Mathias Amos Drbal-" Lehrbuch der empirischen Psychologie"[1868]*

> "Em 1858, no prefácio à primeira edição do manual, Lindner expusera sua postura metodológica e sua relação com a literatura psicológica precedente. Como, aliás, estava indicado no título, ele afirmava mover-se no interior da tradição empírica e, além do mais, de ter encontrado somente nas obras psicológicas alguns pontos de contato úteis. Sua definição da psicologia de Herbart é particularmente interessante: 'O ponto de vista de Herbart corresponde àquele da psicologia empírica, já que esta prescinde de artifícios metafísicos e matemáticos." (ANDERSSON, p.43, 2000)

Aderindo ao modelo de Herbart, Lindner sublinha que ideias inconscientes retéem sua efetividade e continuam a exercer influência sobre o que apareça acima do limiar da consciência. Mesmo em estados *obscuros ou inconscientes*, ideias continuam a ser "parte potencial da mente, que contém todas as ideias que já estiveram na mente e em qual a consciência... é somente uma mínima fração." (LINDNER apud ERWIN, 2002, p.774)

2.4 O aparelho de linguagem: textos pré-psicanalíticos

Os comentários de Freud sobre a Filosofia são ambíguos- mostrou admiração e outras vezes repúdio com a disciplina. Isso pode ser visto quando critica a filosofia pela "demasiada abstração". O contrário também é encontrado nas cartas trocadas com o amigo e confidente Fliess[25]:

> "Quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia. Tornei-me terapeuta contra minha vontade; estou convencido de que, dadas certas condições relativas à pessoa e ao caso, posso definitivamente curar a histeria e a neurose obsessiva. "(FREUD, p.181, 1898)

[25] Wilheim Fliess (1858 —1928) médico alemão, especializado em cirurgia e otorrinolaringologia, mas que foi um protagonista importante da pré-historia da psicanálise, trocando muitas cartas com Freud.

Nos seus escritos, Freud cita filósofos fazendo menções à Lipps, Platão, Fechner, Kant... Freud leu a filosofia de seu tempo. Apesar disso, há o famoso trecho aonde chega a afirmar que evitou o "prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise". (FREUD, 1914, p.26). É muito difícil afirmar que durante a gênese da psicanálise ele tenha lido a obra de Herbart diretamente, a não ser pela influência dos manuais de psicologia usados no *gymnasium*.

De fato, quando Freud foi educado no ginásio e na universidade, conceitos filosóficos sobre o inconsciente eram decorrentes, e Freud era consciente de pelo menos alguns deles. Assim, não é surpreendente constatar que, do começo do século dezenove, pode-se traçar o desenvolvimento de uma psicologia do inconsciente que é um contínuo de princípios fundamentais também contidos na metapsicologia freudiana. (ERWIN, p.778.2002)

Entre as características do herbatianismo presentes no manual de Lindner, está a noção de que ideias inconscientes retém sua efetividade e continuam a exercer influência sobre o que apareça acima do limiar da consciência. Mesmo em estados obscuros ou inconscientes, ideias continuam a ser "parte potencial da mente, que contém todas as ideias que já estiveram na mente e em qual a consciência .....é somente uma mínima fração".(ERWIN, 2002, p.774). Observa-se que até mesmo uma noção de mente tripartida, também está presente no manual:

> "Resumindo, representações podem assumir três degraus de consciência – elas podem estar completamente conscientes (*klar*), parcialmente inconscientes (*gehemmt*) e completamente inconscientes (*verdunkelt*). (LINDNER, 1872, p. 98)".

Para o entender a gênese de alguns fundamentos metapsicológicos, dois textos são particularmente importantes: ***Sobre afasias(1891)*** e ***Projeto para uma psicologia científica(1895).*** Esses escritos são consequência das

influências que Freud teve durante sua formação, como descritas anteriormente.

Em *Afasias*, Freud critica duramente as premissas que fundavam a **teoria da localização cerebral das funções mentais** dominante à época e, apoiado numa concepção dinâmica do funcionamento do sistema nervoso, elabora uma formulação original, a do "aparelho de linguagem" – que vem a ser o primeiro modelo freudiano de um "aparelho psíquico". (BEZERRA, p.97, 2016)

Se Freud de alguma maneira se beneficia destes aspectos da concepção de Wernicke e Lichtheim[26], isto não o transforma em beneficiário da teoria das localizações cerebrais. Inclusive, critica ambos no texto de 1891, como mostra Garcia-Roza:

> "Após analisar os casos de afasia descritos a partir da concepção de Wernicke e Lichtheim, e de expor vários quadros cuja sintomatologia é incompatível com a conceção destes autores, Freud conclui pela impossibilidade de uma explicação fundada exclusivamente na hipótese da localização". (GARCIA-ROZA, p.24, 2012)

A teoria da localização cerebral remonta a formação fisiológica de Freud por Meynert. Nela, sustenta-se que a existência de certas áreas corticais isoladas, seriam responsáveis por funções envolvidas na linguagem; consequentemente, afirma que diferentes afasias[27] corresponderiam a lesões encontradas nessas partes do sistema nervoso, podendo ser explicadas dessa maneira[28]. Freud reconhecia a existência e importância de áreas específicas do

[26] **Karl Wernicke** (1848 - 1905) foi um médico, anatomista, psiquiatra e neuropatologista. Pouco tempo após Paul Broca ter publicado seus achados em déficits de linguagem causados por danos ao que hoje é conhecido como área de Broca no cérebro, Wernicke passou a pesquisar os efeitos do traumatismo craniano na linguagem.
Ludwig Lichtheim (1845 - 1928) foi um médico e físico alemão. Professor nas universidades de Jena e Konigsberg, era um neurologista pioneiro no estudo das afasias da linguagem.

[27] Distúrbio de linguagem que afeta a capacidade de comunicação. A afasia afeta a capacidade de se expressar e de entender a linguagem escrita e falada.

[28] O termo localizacionismo cerebral faz referência a Wernicke, Jackson e Meynert; difere da **Frenologia** de Franz Joseph Gall, teoria que reivindicava ser capaz de determinar o caráter, características da

cérebro necessárias para a atividade da fala, mas recusava a conclusão de que elas seriam suficientes para explicar a fala e os distúrbios afásicos, que para ele, tinham causa psicológica.

Diferentemente do ambiente estritamente acadêmico e laboratorial que foi formado, Freud pode analisar através da **clínica** a questão da histeria. A psicopatologia que observava na clínica apresentava casos que o laboratório não dava conta de explicar. Essa crítica ao localizacionismo herdado da sua formação médica em fisiologia, fez com que Freud buscasse uma saída alternativa:

> "Uma das principais motivações que levaram Freud a escrever *Afasias* veio não da neurologia, mas da psicopatologia. Desde que retornara de seu estágio com Charcot em Paris, Freud se via às voltas com o desafio de encontrar uma descrição fisiopatológica adequada para a histeria. E ele estava convencido de que essa descrição teria que se apoiar em outra coisa que não as descrições anatômicas do sistema nervoso. As paralisias histéricas simplesmente não seguiam os mapas astronômicos das redes neurais, ao contrário das paralisias de origem orgânica. Do ponto de vista estritamente neurológico, os sintomas não faziam sentido, pois as regiões atingidas pela histeria não correspondiam a áreas de inervação real. A mão, o braço ou a parte do rosto que eram afetados correspondiam a uma representação mental, a uma imagem do corpo carregada de valor afetivo, mas sem nenhuma fundamentação anatômica. Como disse Freud, 'a histeria se comporta como se a anatomia não existisse, ou como se não tivesse conhecimento dela" (BEZERRA, p.98, 2013)

A noção de "aparelho de linguagem" também era concebida por Meynert, mas de maneira diferente. Meynert está muito mais próximo, conceitualmente, de Wernicke do que de Freud. O aparelho da alma, de

---

personalidade, e grau de criminalidade pela forma da cabeça (lendo "caroços ou protuberâncias"). Ainda que tenha caído em descredito, possui importância como uma protociência por contribuir com a medicina afirmando o cérebro como o órgão da mente, e que áreas específicas do cérebro estão relacionadas com determinadas funções cognitivas. Ver anexo 2.

Meynert, é um aparelho neuro-anatômico regido pela “mecânica do cérebro”. O que Freud nos oferece com seu aparelho de linguagem é algo muito diferente, irredutível às teorias de Wernicke e Meynert. (GARCIA-ROZA, p.26, 2012).

Vejamos como Freud concebe essa diferenciação, dizendo:

> “Rejeitamos, portanto, as hipóteses segundo as quais o aparelho de linguagem é constituído de centros distintos, separados por regiões corticais isentas de funções, e, além disso, as hipóteses segundo as quais as representações(imagens mnêmicas) que servem para a linguagem estejam acumuladas em determinadas áreas corticais denominadas centros, enquanto a associação dessas representações é assegurada exclusivamente pelos feixes de fibras brancas subcorticais. Só nos resta formular a concepção segundo a qual a região cortical da linguagem é uma área contínua do córtex, no interior da qual se efetuam, com uma complexidade que desafia a compreensão, as associações e as transferências sobre as quais repousam as funções da linguagem”(FREUD, p.112, 1891)

Nessa relação de paralelismo, Freud afirma que o psiquismo depende da realidade material do cérebro, mas que também possui propriedades autônomas que não podiam ser descritas materialmente. Essa descrição de um aparelho de linguagem (que é a base para uma futura metapsicologia) começa a ser tratada no texto posterior. Tudo gira em torno do conceito de representação, que se define no campo da psicologia, apesar de ser ela mesma uma função dos processos neurológicos. A esfera psíquica apresenta complexidade própria, e uma lógica de organização interna que não pode ser deduzida das leis estruturais da anatomia cerebral, nem identificada de modo simples aos fatos fisiológicos subjacentes a ela. (BEZERRA, p.108,2013)

Em *Afasias*, não há nenhuma intenção declarada, como há no Projeto, de oferecer uma concepção do aparelho psíquico. Trata-se de uma crítica da concepção de Wernicke sobre as afasias, critica esta que atinge todos os

adeptos da teoria da localização cerebral, não se tratando, portanto, de uma proposta explícita de construção de um modelo teórico de aparelho psíquico e sim de algo mais restrito, concernente apenas à linguagem. (GARCIA-ROZA, p.27, 2012)

Apesar de hoje possuir importância histórica**,** *Projeto para uma psicologia científica* nem mesmo foi incluso nas Obras Completas, pois Freud o abandonara. O texto ficou anos circulando entre os "herdeiros" até que foi publicado, somente nos anos 50 do século XX, abrindo um novo leque de pesquisa na historiografia da psicanálise. Por utilizar termos e nomenclatura neurológica, não é um texto de leitura clara, e pouco tem da facilidade de leitura que outrora rendeu um prêmio Goethe de literatura a Freud[29]. Escrito aos 40 anos de idade, quando já não era um estudante ou estagiário, o *Projeto* foi um último e desesperado esforço para apegar-se a segurança da anatomia cerebral (JONES, p.383, 1975).

Como sugere o título, Freud procura fazer uma ciência, regulada por leis naturais e que possa ser descrita através dos mecanismos e componentes fisiológicos:

> "A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é, representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco. Há duas ideias principais em jogo: (1) Aquilo que destingue a atividade do repouso deve ser considerado como Q, sujeita as leis gerais do movimento. (2) os neurônios devem ser encarados como partículas materiais." (FREUD, p.395)

Essa ideia **quantitativa** a fim de sustentar uma ciência natural, também está presente em Herbart anos antes, mesmo que a partir de uma perspectiva e intuitos diferentes (tornar a psicologia científica foi a intenção de muitos nomes do século XIX). No caso de Herbart, a matematização das representações mentais era a maneira que acreditava ser capaz disso. A

[29] Único prêmio importante recebido por Freud em vida; em 1930, aos 74 anos de idade. O texto premiado foi *O mal estar na civilização*, de 1929.

maneira com que Freud pretende fazer essa quantificação é diferente e menos abstrata do que Herbart, pois também procura se basear em uma nomenclatura biológica, dada a formação médica. Assim, procura remeter as noções dinâmicas na física, enquanto as neuronais na biologia. Um traço mecânico e um traço biológico, respectivamente:

> "[...] é interessante observar que o objetivo inicial de Freud é descrever as bases neurofisiológicas subjacentes à experiência psíquica, pois esta lhe parecia o caminho para sustentar cientificamente sua teoria das neuroses. Ele não afirma que pretende *reduzir* integralmente o psíquico ao neural. Ainda assim, é possível observar que no *Projeto* Freud pretende dar um passo que havia evitado ao escrever o artigo sobre afasias, conco anos antes:o de tentar especificar a natureza neuronal dos processos subjacentes aos fenômenos psíquicos – mantendo a ênfase nas relações funcionais dinâmicas entre os neurônios e a crítica ao localizacionismo que caracterizam sua posição teórica desde o texto de 1891."(BEZERRA, p.115, 2013)

A metapsicologia como "bruxa" da psicanálise, assumindo-a como uma ficção heurística. É assim que em certo trecho Freud a denomina:

> "Se perguntamos sobre as vias e os meios pelos quais isso [o domínio das pulsões] se produz, não é fácil fornecer uma resposta. Deve-se dizer: 'É necessário que venha a feiticeira'. Entendam: a bruxa metapsicologia" (FREUD, p. 225, 1937).

Mesmo assim, assume que as "problemáticas" construções metapsicológicas serão um dia obsoletas: Termos metapsicológicos, um dia poderão ser demonstrados por termos fisiológicos ou químicos (FREUD, p.60, 1920).

Assoun, dedica uma obra a fim de definir a epistemologia da psicanálise[30]. Procura identificar a herança *tópica* do modelo bruckiano, *dinâmica* do modelo herbartiano e *econômica* do modelo fechner-helmholtziano. Questiona:

> "A dinâmica freudiana alimenta-se, em última instância, de um modelo que foi construído numa tradição da psicologia alemã que remonta, até o início do século XIX, a Herbart. Portanto, convém lembrarmos seus pressupostos de modo a vermos esboçar-se a objetividade que isso supõe. Não há simplesmente em Herbart algumas instituições psicológicas, que passarão para outros modelos: sua psicologia se apoia numa metafísica e liga-se a uma teoria do conhecimento. Em que medida estas passarão para a concepção freudiana, ao mesmo tempo que os conceitos psicológicos? Eis o que deve ser explicitado com precisão para quem pretende apreender genealogicamente a episteme freudiana". (ASSOUN, p. 150, 1983)

A fim de identificar essa herença propriamente dinâmica das concepções freudianas, Loparic (2001) aponta outro nome; reforçando o papel de Lipps na "virada" freudiana que acontece após os textos pré-psicanalíticos. Comenta:

> "Como é sabido, já em 1895, Freud abandonou a teoria fisiológica do psiquismo, exposta em O Projeto, e iniciou a busca de explicações psicológicas de fenômenos clínicos e da vida cotidiana que chamavam a sua atenção. A partir de 1898, Freud já estava trabalhando intensamente na teoria dos sonhos, ao mesmo tempo que procurava uma versão também psicológica da metapsicologia É nesse momento que ele se dedica ao estudo das idéias de Lipps e as incorpora em sua doutrina. No fim da vida, ao refletir sobre a estrutura e a essência da teoria psicanalítica, já plenamente constituída, Freud retorna a Lipps para lembrar esse parentesco e reconhecer uma dívida intelectual" (LOPARIC, p. 315, 2001)

[30] *Introduction à l'epistemologie freudienne*. (1983, Imago)

Lipps é citado tanto no início quanto em textos mais tardios da obra. No entanto, vale lembrar que ele escreveu sobre Herbart (*Zur Herbart'schen Ontologie, 1874*) e que se Freud admirava Lipps, este estava repleto de influências herbartianas:

> "Mas não é preciso supor que esse ponto de vista alternativo sobre o psíquico seja uma inovação devida à psicanálise. O filósofo alemão Theodor Lipps afirmou, da maneira mais explícita possível, que o psíquico é em si inconsciente e que o inconsciente é o que é verdadeira mente psíquico. Por muito tempo, o conceito de inconsciente batia nas portas da psicologia, pedindo permissão para entrar. A filosofia ea literatura freqüentemente brincaram com ele, mas a ciência não encontrava, para ele, qualquer uso. A psicanálise apropriou-se do conceito, levou-o a sério e deu-lhe um conteúdo novo". (FREUD, 1923, p. 286)

2.5 A metapsicologia

Com a intenção de esclarecer e de aprofundar as hipóteses teóricas da psicanálise, Freud escreve entre o período de 1915 a 1917, uma série de ensaios que pretendeu publicar como *Preliminares a uma metapsicologia*. Dentre estes textos, estão: "Pulsões e destinos das pulsões", "O recalcamento", "O inconsciente", "Luto e Melancolia" e "Complemento metapsicológico à teoria do sonho". Em carta a Ferenczi, Freud afirma que quando conseguisse descrever os aspectos *dinâmico, tópico e econômico* do processo psíquico, estaria então, descrendo o processo psíquico com uma exposição metapsicológica[31]. Dentre esses textos**,** *O insconsciente (Das unbewusste),*

[31] Carta à Ferenczi, datada de 11 de Janeiro de 1915.

resume bem o que se chama de primeira tópica freudiana[32] - o psiquismo dividido entre **inconsciente, pré-consciente e consciente**.

Desde *A interpretação dos sonhos* (1900), que geralmente marca a inauguração oficial da psicanálise, Freud passa a explicar o psiquismo em termos puramente metapsicológicos; abandonando as perpectivas neurológicas dos textos pré-psicanalíticos. A constante reformulação teórica é uma marca do trabalho freudiano, mas a efeito de delimitação, vejamos o que Freud tem a dizer no texto de 1915. Já no prefácio, é anunciada a noção de inconsciente que pretende apresentar:

> "Aprendemos, com a psicanálise, que a essência do processo de repressão não consiste em eliminar, anular a ideia que representa o "instinto", mas impedir que ela se torne consciente. Dizemos então que se acha em estado de "inconsciente", e podemos oferecer boas provas de que também insconscientemnte ela pode produzir efeitos, inclusive aqueles que afinal atingem a consciência. Tudo que é reprimido tem que permanecer insconsciente, mas constatemos logo de início que o reprimido não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem um âmbito maior; o reprimido é uma parte do inconsciente. "(FREUD, p.75, 2014)

Freud procura durante a elaboração do texto, justificar o inconsciente, mostrar a pluralidade de sentidos do termo, explicar o ponto de vista topológico, os sentimentos inconscientes, a dinâmica da repressão, as características especiais, a comunicação com a consciência e como identificar certas patologias dentro de uma teorização que leve em conta essa formulação metapsicológica.

[32] Em contrapartida, a partir de 1920 Freud elaborou outra concepção, chamada de segunda tópica. O motivo principal classicamente invocado para explicar esta mudança é o fato de considerar cada vez mais as defesas inconscientes, o que não permite fazer coincidir os pólos do conflito defensivo com os sistemas precedentemente definidos; o recalcado com o Inconsciente e o ego com o sistema Pré-consciente – Consciente. (LAPLANCHE et. PONTALIS, p. 508, 2012). Ver gráfico do anexo 2.

Dentro do que se espera de uma teoria, a dificuldade de supor uma psique inconsciente é assumida. Consequentemente, espera-se contestação de vários lados, mas Freud acredita que a suposição do insconsciente seja legítima e necessária. Para isso, defende que a sua observação clínica mostra que os dados unicamente da consciência têm muitas lacunas, e que não dão conta de explicar, tanto as patologias, quanto características dos indivíduos sadios. Se com a hipótese do insconsciente, for possível realizar uma prática que dê conta de solucionar certos tipos de problemas, isso já basta para que seja aceitável.

Dessa forma, as forças psíquicas que caracterizam o ponto de vista dinâmico, são análogas às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria; "elas são tomadas como um fundamento estrutural ao qual se deve recorrer para organizar e relacionar os fatos, orientando a busca das explicações dos fenômenos observados". (FULGENCIO, p.9, 2003)

Reforçando essa ideia, Loparic comenta:

> "[...] Freud viu que não podia restringir-se a fazer observações e ensaiar generalizações empíricas do material clínico, mas que precisava de um guia teórico-metodológico mais poderoso. De acordo com a concepção de ciência da escola de Helmholtz, na qual foi formado, ele supôs que esse guia só poderia ser uma concepção *dinâmica* do psiquismo, de tipo *especulativo.* Além de refletir urgência da vida psíquica efetivamente observadas e estudadas pela psicologia clínica, o caráter propriamente dinâmico atribuído por Freud ao inconsciente é uma decorrência da exigência metodológica segundo a qual as causas de processos naturais têm de ser pensadas não como "matérias", mas como "forças"." (LOPARIC, p264, 2005).

Justificando sua hipótese, Freud adere a uma posição muito similar à noção de *pequenas percepções*, presente tanto na metafísica de Leibniz quanto de Herbart. A consciência é capaz de uma representação por vez em contrapartida aos estados de latência:

> "Podemos avançar um pouco e alegar, em favor de um estado psíquico inconsciente, que a cada instante a consciência abrange apenas um conteúdo mínimo, de sorte que a maior parte do que denominamos conhecimento consciente deve, de qualquer maneira, achar-se em estado de latência por longos períodos de tempo, ou seja, em um estado de insconsciência psíquica[...]Tal equiparação é ou uma *petitio principii*, que não admite questionar se tudo psíquico tem de ser também consciente, ou um caso de convenção, de nomenclatura." (FREUD, p.76, 2014)

Para legitimar o inconsciente, Freud ainda utiliza-se da antiga forma de fazer psicologia, por analogias. A consciência de si mesmo via introspecção, pode ser comparada com a observação das manifestações que outros indivíduos demonstram. Quanto ao ponto de vista topológico, novamente o processo descrito de assemelha muito com a dinâmica representacional de Herbart:

> "[...] um ato psíquico passa geralmente por duas fases em relação ao seu estado, entre as quais se coloca uma espécie de exame *(censura).* Na primeira fase ele é inconsciente e pertence ao sistema inconsciente; se no exame ele é rejeitado pela censura, não consegue passar para a segunda fase; então ele é "reprimido" e tem que permanecer inconsciente. Saindo-se bem no exame, porém, ele entra na segunda fase e participa do segundo sistema, a que denominamos sistema consciente. Mas essa participação não chega a determinar inequivocavelmente a sua relação com a consciência. Ela ainda não é consciente, mas *capaz de consciência* (na expressão de J. Breuer_, isto é, pode então, dadas certas condições, tornar-se objeto da consciência sem maior resistência." (FREUD, p.81, 2014)

Assim como no caso de Herbart, Freud distanciou-se da psicologia puramente descritiva ao apresentar um caráter dinâmico da mente na elaboração da primeira tópica da psicanálise. A partir da dualidade psíquica

entre conciente-inconsciente, a concepção dinâmica pode então sustentar uma **topologia** do psiquismo, para explicar como um ato psíquico se movimenta entre os dois sistemas.[33]

Até 1923, a teoria do inconsciente dinâmico estava intimamente ligada à teoria da repressão, e mesmo com as mudanças posteriores a 1923, ainda existe uma ligação importante, embora uma versão modificada. Em Freud, há uma afirmação de que as idéias inconscientes não podem entrar na consciência. A razão é que "certa força" se opõe a eles, a saber, a repressão. O que é reprimido é inconsciente e o que está inconsciente é reprimido: "Assim, obtemos o conceito de inconsciente da teoria da repressão. O reprimido é o protótipo do inconsciente para nós "(Freud, 1923, p.15). Segundo Erwin, isto é observado no segunte episódio:

> "Em 26 de setembro de 1922, Freud leu um breve artigo inédito no Sétimo Congresso Psicanalítico Internacional," Algumas Observações sobre o Inconsciente ", no qual ele Indicou insatisfação com sua teoria anterior. Em um resumo do artigo, que o editor de Freud diz que pode ter sido escrito pelo próprio Freud, nota-se que o falante, ou seja, Freud, repetiu a história do desenvolvimento do conceito "inconsciente" na psicanálise. A visão dinâmica do processo de repressão, ressalta o resumo, tornou necessário dar ao inconsciente um sentido sistemático, de modo que o inconsciente devesse ser equiparado ao reprimido. Descobriu-se, no entanto, que não é possível considerar o reprimido como coincidente com o inconsciente e o ego com o préconsciente e consciente. O orador [Freud] discutiu os dois fatos que mostram que no ego também há um inconsciente, que se comporta dinamicamente como o inconsciente reprimido (Strachey 1923: 4). Os dois fatos são a resistência que procede do ego durante a análise e um sentimento inconsciente de culpa" (ERWIN, 2009, p.68).

[33] Nesse ponto, pré-consciente e consciente estão colocados em um mesmo plano, somente para efeito de comparação. Freud, na verdade, separa o psiquismo na primeira tópica em três partes: inconsciente, pré-consciente e consciente.

Considerações finais

O pouco comentado papel de Hebart na literatura psicanalítica é instigante, e são várias as especulações que se pode fazer sobre isso. Talvez a mais pertinente esteja no fato dos importantes textos pré-psicanalíticos, que poderiam fazer um link entre Herbart e Freud, permanecerem por muito tempo afastados do leitor comum - seja por conta da tardia publicação, ou pela circulação limitada aos estudos eruditos da disciplina.

Como observado, Herbart tampouco é um autor amplamente conhecido quando se trata de psicologia, ficando muitas vezes limitado aos estudos sobre a pré-história da pedagogia. Sua importância foi destacada somente à sua época. Quanto a isso, outras hipóteses também podem ser levantadas: o modelo rígido de pedagogia, os complexos cálculos matemáticos, o surgimento de novos nomes ou a problemática intenção metafísica e impenetráveis cálculos matemáticos.

A psicologia herbartiana tornou-se a referência entre os primeiros estudiosos da anatomia e fisiologia do cérebro, durante a fase especulativa. Vimos que isso se refletiu também nos manuais de psicologia para a escola secundária (*gymnasium*), adotados na Alemanha e Áustria. Nesse contexto, fica claro que Freud teve acesso ao modelo de psicologia de fonte herbartiana antes de inicar os estudos em medicina, através do manual de Lindner; ou mesmo através de Meynert ou Lipps, que carregavam claramente conceitos de Herbart.

Apesar de não haver dúvidas que Freud foi influenciado pela física; a dinâmica em questão não era a do século dezenove, mas a da ciência do século dezessete; onde a introdução da *aritmética vetorial* na psicologia foi realizada por Leibniz, um físico pioneiro daquele tempo. Ele foi um dos pioneiros que, na época de Newton, estava tentando clarificar conceitos que serviriam para fundar uma nova ciência: hipóteses sobre gravidade, matéria, força, energia, momentum. Como pesquisador desses campos, ele deve quase

que intuitivamente comparar os conflitos das motivações humanas com o conflito de forças físicas. (ERDELY apud SAND, 2014, p.22).

Quanto à formação fisiológica, Freud se distancia dos mestres diretos Lichtheim e Wernicke. A noção de representação não foi mais concebida como contida na célula nervosa, não foi mais pensada com independência das associações e não foi mais vista como um efeito puramente mecânico de estimulação. Freud passa a defender que a representação deve ser entendida como a diferença entre duas séries de associações, isto é, como diferença entre séries de processos do aparelho. (GARCIA-ROZA, p. 37, 2012). Algo totalmente análogo à noção de representações como **forças** no esquema herbartiano. Esses paralelos da *Vorstellungmechanik* de Herbart podem ser observados em trecho, quase como paráfrase, nas palavras de Freud:

> "Da filosofia, aprendemos que a representação-objeto não consiste em nada mais do que isto [um complexo associativo constituído de representações das mais heterogêneas] e que a aparência de uma coisa, cujas diferentes propriedades são reveladas por essas impressões sensoriais, surge apenas na medida em que, no conjunto das impressões sensoriais que recebemos de um objeto, incluirmos também a possibilidade de uma série importante de impressões novas na mesma cadeia associativa" (FREUD, p127-128, 1891)

Se por um lado, Herbart herda de Leibniz uma noção de inconsciente, por outro, ele antecipa algumas ideias que costumam ser, dada a grande popularidade da psicanálise, como freudianas. É o caso da noção de conflito intrapsíquico, opondo uma ideia recalcada à outra que é consciente, a primeira lutando por se tornar consciente e a segunda impedindo que isto aconteça- como na operação básica do conflito representacional herbartiano.

Freud, a partir de uma perspectiva clínica ao descrever a "defesa" como mecanismo central utilizado pelo eu para lidar com diferentes tipos psicopatológicos, diz que para se livrar de uma representação insuportável o *Eu* procura "recalca-la, inibí-la e reprimí-la" da consciência. Como se observa no texto *Neuropsicoses de defesa (1894):*

> "Este é, no entanto, um processo complexo, já que o afeto correspondente à representação já inscreveu no ego sua marca mnêmica, obrigando-o a valer-se de um estratagema que consiste em transformar a representação forte em uma fraca, extraindo dela o afeto, ou seja, o incremento de excitação nela entranhada. Enfraquecida, a representação já não tem como interferir no trabalho associativo, mas o incremento de excitação que foi descolado dela deve ser dirigido a outro uso". (FREUD, p.28, 1894)

Isso também corresponde à noção de interação dinâmica de ideias de Herbart. No caso de Freud, ele explicita que as representações mais carregadas de afeto têm acesso à consciência, enquanto as menos carregadas ficam excluídas, dando a possibilidade de formação do inconsciente.

A opção de Freud pelo ponto de vista dinâmico, aos mesmos moldes do jogo de forças da psicologia herbartiana, é encontrada nas palavras do autor:

> "Não queremos apenas descrever e classificar as aparências, mas concebê-las como sinais de um jogo de forças dentro da alma, como expressão de tendências dirigidas para fins e que trabalham umas de acordo comas outras ou umas contra as outras. Esforçamo-nos por elaborar uma concepção dinâmica das aparências psíquicas. Nessa nossa concepção, os fenômenos percebidos devem ficar em segundo plano, atrás das tendências apenas supostas." (FREUD, p.65, 1916)

A maior ligação entre os dois é a estrutura do psiquismo, e não o conteúdo. Para Herbart, o que era reprimido eram ideias incompatíveis com a consciência: ideias inconsistentes são opostas por um processo que visa a organização e o funcionamento mental; já o conceito de Freud era mais peculiar: para ele o reprimido consistia no instintual proibido, os desejos sexuais de acordo com a necessidade instintual de alcançar satisfação. Herbart afirma que as forças da mente surgem dentro dela mesma; ele descreveu o

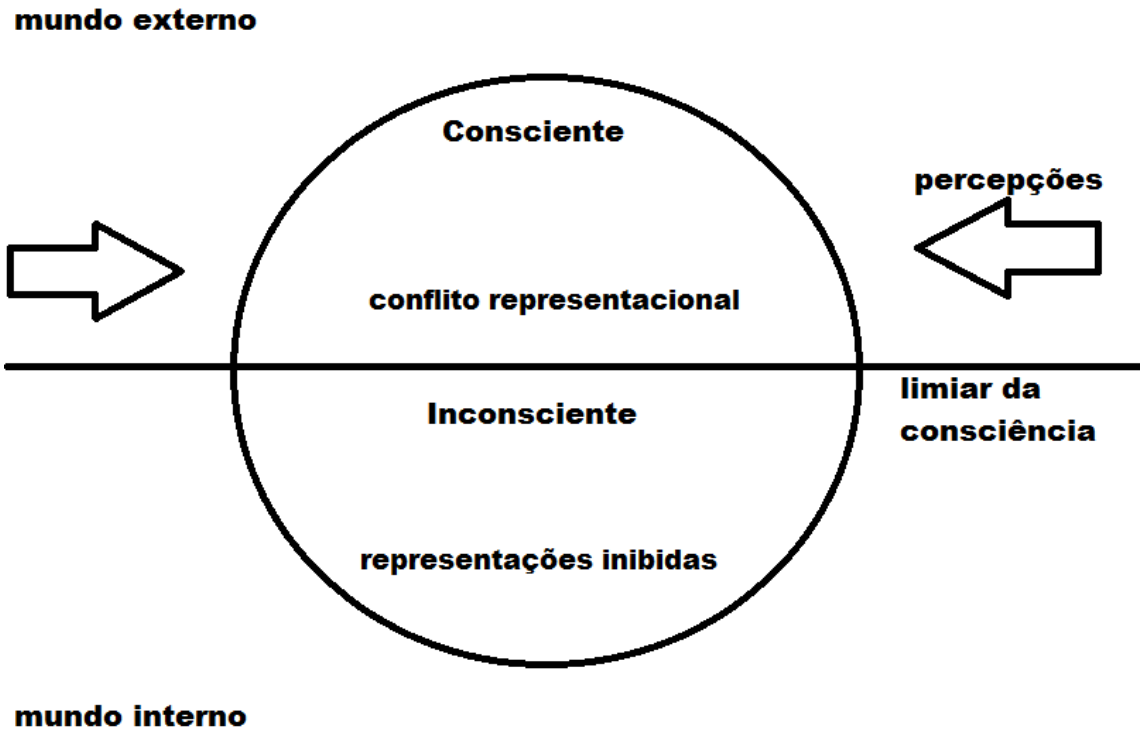
impulso como uma disposição inata[34]. Já Freud localizou a fonte de energia da mente fora dela, nos instintos originados no corpo. (SAND, p.144, 2014)

Herbart e Freud tiveram motivações distintas, cada um ao seu tempo, e por este motivo não houve a intenção apresentar-los como percurssores. O que se pretende, é mostrar os desdobramentos de um modelo dinâmico de psicologia que atravessou ambos. Uma das constatações mais evidentes é de como um modelo psicológico que teve intenção de sustentar uma teoria pedagógica, tem semelhanças com outro de ordem totalmente distinta: curar as neuroses dentro de uma perspectiva médica – a clínica psicanalítica.

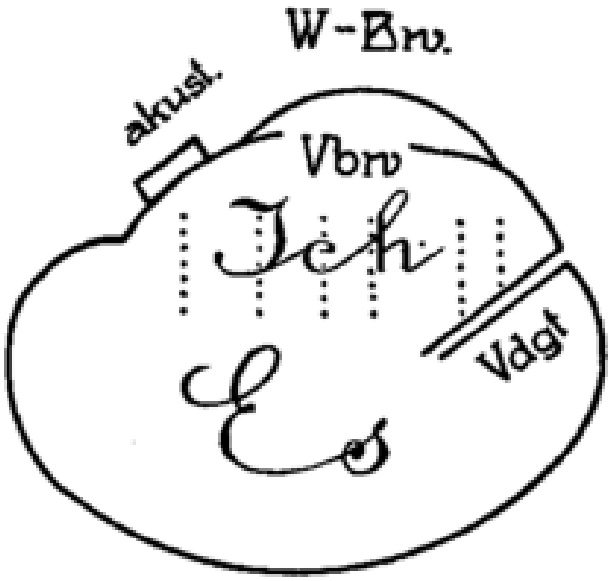
[34] Como apresentado no capítulo da metafísica de Herbart, na noção de alma como substância simples.

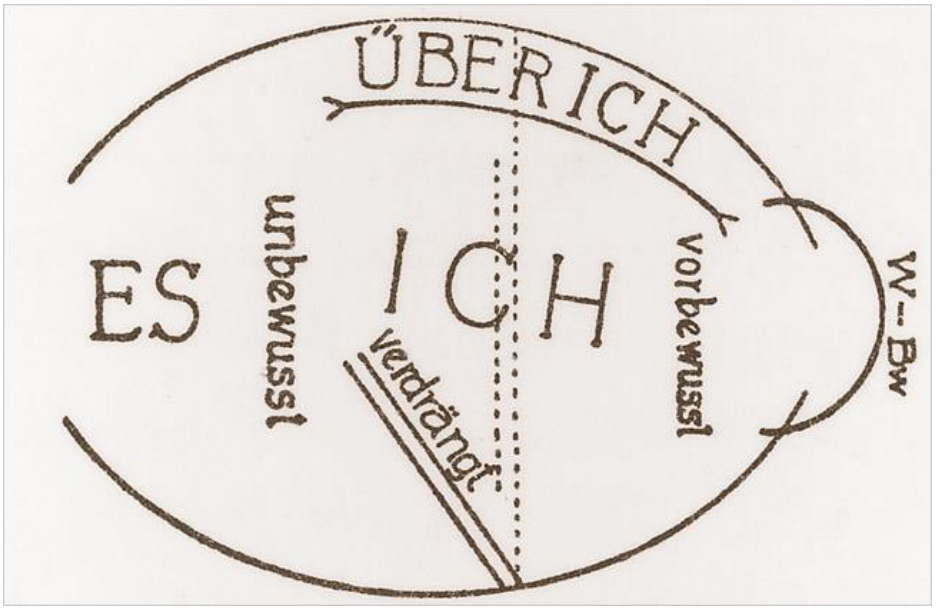
Apêndices

1. Base do modelo psicodinâmico herbartiano:



2. Modelos freudianos do psiquismo.[35]





[35] Fonte: FREUD, S. O Eu e o ID (*Das Ich und das Es)*, 1923.
FREUD, S. Novas conferências introdutórias (*Neuen Folge der Vorlesungen)*, 1933.

3. Exemplo dos cálculos matemáticos de Herbart, usados para explicar a dinâmica representacional. [36]

Zweytes Capitel.

Berechnung der Hemmung bey vollem Gegensatz, und erste Nachweisung der Schwellen des Bewufstseyns.

§. 44.

Die Berechnung dessen, was von jeder Vorstellung gehemmt werde, geschieht ohne allen Zweifel durch Proportionen, zu welchen die Hemmungssumme das dritte Glied liefert, und deren erste beyde Glieder aus den Hemmungs-Verhältnissen hervorgehn.

Es seyen die Vorstellungen a und b gegeben, als wider einander wirkend im Bewufstseyn, und stehend im vollen Gegensatze: so ist, laut voriger Entwickelungen, die Hemmungssumme gleich der schwächeren, oder $=b$; das Hemmungsverhältnifs wie $b:a$. Folglich wird man schliefsen: wie die Summe der Verhältnifszahlen zu jeder einzelnen Verhältnifszahl, so das zu Vertheilende (die Hemmungssumme) zu jedem Theile; oder

$$(a+b)\begin{cases}:b\\:a\end{cases}=b\begin{cases}:\frac{b^2}{a+b}\\:\frac{ab}{a+b}\end{cases}$$

Die Verhältnifszahl b gehört (wegen der Umkehrung des Verhältnisses) zu a; folglich

$$\text{der Rest von } a=a-\frac{b^2}{a+b}$$

$$\text{und der Rest von } b=b-\frac{ab}{a+b}=\frac{b^2}{a+b}$$

Diese Reste sind natürlich nicht abgeschnittene Stücke der Vorstellungen a und b, sondern es sind die Grade der noch übrigen Lebhaftigkeit der Vorstellungen, nachdem durch die Hemmung der zuvor berechnete Theil des wirklichen Vorstellens ist aufgehoben, und in ein blofses Streben vorzustellen ist verwandelt worden.

Es seyen auf eben die Art drey Vorstellungen gegeben, nämlich a, b, c, worunter a die stärkste, c die schwächste: so ist die H. S. $=b+c$, das H. V. $=\frac{1}{a}$, $\frac{1}{b}$, $\frac{1}{c}$, oder bc, ac, ab; und die Proportionen:

$$(bc+ac+ab):\begin{cases}bc\\ac\\ab\end{cases}=(b+c):\begin{cases}\frac{bc(b+c)}{bc+ac+ab}\\\frac{ac(b+c)}{bc+ac+ab}\\\frac{ab(b+c)}{bc+ac+ab}\end{cases}$$

woraus die Reste

$$\text{von } a,\ =a-\frac{bc(b+c)}{bc+ac+ab}$$

$$\text{von } b,\ =b-\frac{ac(b+c)}{bc+ac+ab}$$

$$\text{von } c,\ =c-\frac{ab(b+c)}{bc+ac+ab}$$

Man sieht leicht, wie dies für vier und mehrere Vorstellungen fortgeht.

Hier einige Berechnungen in Zahlen. Zuerst für zwey Vorstellungen.

Es sey $a=1$, $b=1$, so ist der Rest
von a, $=\frac{1}{2}$
von b, $=\frac{1}{2}$

Es sey $a=2$, $b=1$, so ist der Rest
von a, $=\frac{5}{3}$
von b, $=\frac{1}{3}$

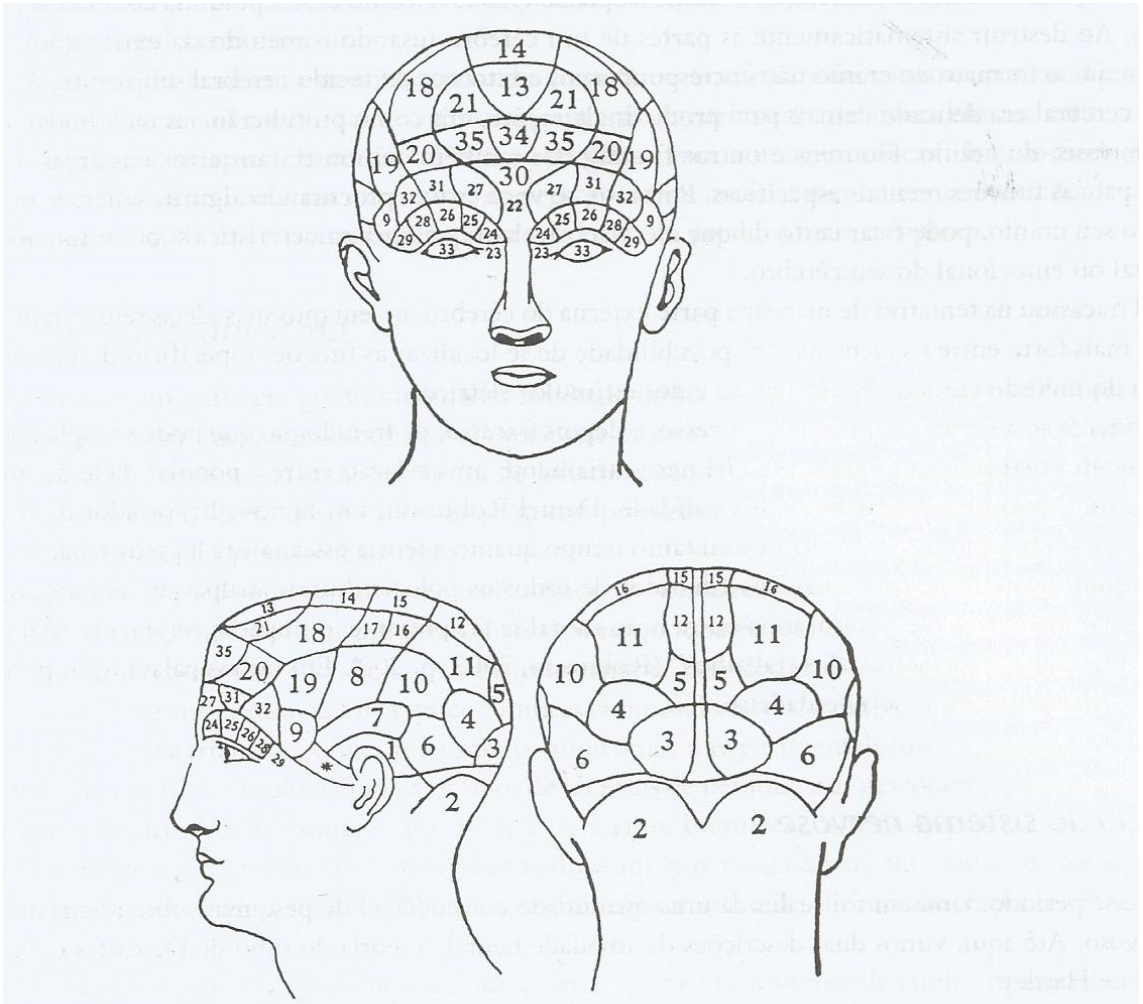
Es sey $a=10$, $b=1$, so ist der Rest
von a, $=\frac{109}{11}$
von b, $=\frac{1}{11}$

Es sey $a=11$, $b=10$, so ist der Rest
von a, $=\frac{131}{21}$
von b, $=\frac{100}{21}$.

Man sieht, dafs die Reste in einem weit gröfseren Verhältnisse verschieden sind, als die Vorstellungen selbst.

[36] Fonte: *Psychologie als Wissenschaft, neu gegründet auf Erfahrung, Metaphysik und Mathematik* (1824), pp. 169 – 170.

4. Mapeamento cerebral usado pela Frenologia, influente no surgimento da teoria das localizações cerebrais.[37]



CAPACIDADE AFETIVA

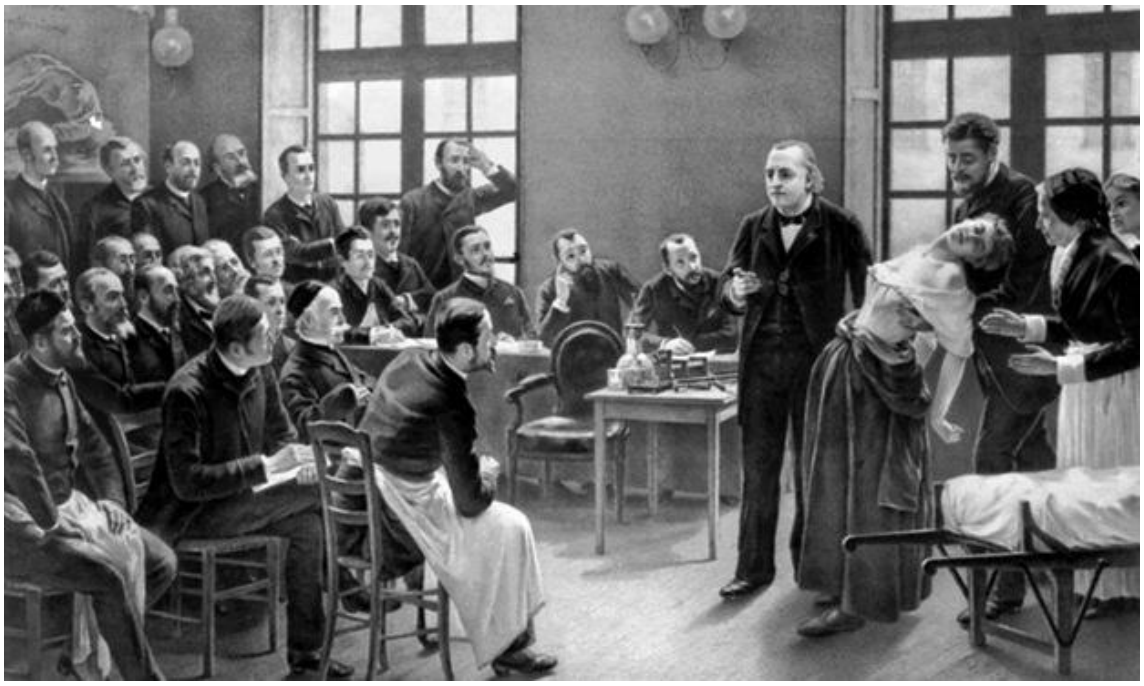
PROPENSÃO A(O)	SENTIMENTO (DE)
? Desejo de viver	10 Precaução
* Alimentação	11 Aprovação
1 Destruição	12 Autoestima
2 Amabilidade	13 Benevolência
3 Filoprogenitura	14 Reverência
4 Devoção	15 Firmeza
5 Habitabilidade	16 Consciência
6 Combatividade	17 Esperança
7 Discrição	18 Maravilhamento
8 Avidez	19 Idealidade
9 Construtividade	20 Jovialidade
	21 Imitação

CAPACIDADE INTELECTUAL

PERCEPTIVA	REFLEXIVA
22 Individualidade	34 Comparação
23 Configuração	35 Causalidade
24 Tamanho	
25 Peso e resistência	
26 Cor	
27 Localidade	
28 Ordem	
29 Cálculo	
30 Eventualidade	
31 Tempo	
32 Harmonia	
33 Idioma	

[37] Fonte: SPRURZHEIM, J. *Phrenology, at the doctrine of mental phenomena* (1834).

5. Jean-Martin Charcot, em sessão de hipnose na escola de Salpetriére.



6. Johann Friedrich Herbart.[38]

[38] Imagem: Konrad Geyer.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANDERSSON, O. Freud avant Freud. La préhistoire de la psychanalyse. Paris: Synthelabo, 1997.

ANDRADE, R. L'héritage romantique allemande dans la pensée freudienne. Thèse de Doctorat de Psychanalyse, Université Paris VII, 1990.

ARENS, K. Structures of knowing: psychologies of the nineteenth century. Dordrecht: Kuwer academic plublishers, 1989.

ASSOUN, P-L. Freud, a filosofia e os filósofos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

----------Introdução à epistemologia freudiana. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

BEISER, F. The Genesis of Neo-Kantism (1796-1880). Oxford: OUP, 2014.

BERCHERIE, P. Genèse des concepts freudiennes. Paris: Navarin, 1983.

---------- Los fundamentos de la clínica: Historia y estructura del saber psiquiátrico. Buenos Aires: Manatial, 1986.

BERNFELD, Siegfried. Freud's scientific begginings. Baltimore: American Imago, 1949.

BORING, E.G. Sensation and Perception in the History of Experimental Psychology. New York: Irvington Publishers, 1942.

BRÉHIER, E. Histoire de la philosophie. Vol II. Paris: Pierre Palpant, 2005.

CAZETO, S. A constituição do inconsciente em práticas clínicas na França do século XIX. São Paulo: Escuta, 2001.

BORING, E.G. A History of Experimental Psychology. New York: Appleton Century-Crofts, 1950.

DE GARMO, C. Herbart and the herbartians. New York: Forgotten Books, 2013.

ELLENBERGER, H. The discovery of the unconscious. New York: Basic books, 1970.

ERWIN, E. The freudian encyclopedia: Theory, therapy and culture. Oxford: Routledge, 2001.

FREUD, S. Obras completas. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

FULGENCIO, L. & SIMANKE, R. orgs. Freud na Filosofia Brasileira. São Paulo: Escuta, 2005.

FULGENCIO, L. O método especulativo em Freud. São Paulo: FAPESP, 2008.

----------. Kant e as especulações metapsicológicas. Kant e-prints- vol.2, n.9, 2003.

FFYTCHE, M. As origens do inconsciente: de Schelling a Freud: o nascimento da psique moderna. São Paulo: Cultrix, 2014.

GAY, P. Freud, uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GARCIA-ROZA, L. A. Introdução à metapsicologia freudiana. Volume 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

----------. Introdução à metapsicologia freudiana. Volume 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

----------. Introdução à metapsicologia freudiana. Volume 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

----------. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

GOODWIN, J. História da psicologia moderna. São Paulo: Cultrix, 2005.

GRÜNBAUM, A. The Foundations of Psychoanalysis: A Philosophical Critique. Berkeley: University of California Press, 1983.

HERBART. J. F.A text-book in psychology, an attempt to found the science of psychology, on experience, metaphysics and mathematics. New York: Forgotten books, 2012.

HILHENHEGER, N. Johann Herbart. Recife: Massangana, 2010.

HILLIX, W. & MARX, M. Sistemas e Teorias em Psicologia. São Paulo: Cultrix, 1973.

IBERTIS, C. Representação e traço mnêmico no texto freudiano Sobre Afasias. Revista de Filosofia, Curitiba. v.17, p. 11-23, 2005.

JONES, E. A vida e a obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

KANT, I. Antropologia de um ponto de vista pragmático. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KIM, A. Johann Friedrich Herbart. The Stanford Encyclopedia of Philosophy. Stanford: Edward Zalta, 2015.

LAPLANCHE, J. & Pontalis, J-B. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins fontes, 1985.

LOPARIC, Z. Theodor Lipps: uma fonte esquecida no paradigma freudiano. Revista Natureza Humana. (p.315 - 331): São Paulo, 2001.

LINDNER, G. A. Manual of empirical psychology as an inductive science. Boston: Forgotten Books, 2012.

MAUXION, M. La méthaphysique de Herbart et la critique de Kant. London: Forgotten books, 2013.

MEZAN, R. Freud, pensador da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MURPHY, G. An historical introdution to modern psychology. London: Routledge, 1949.

NEMIAH, J. C. The psychodynamic basis of psychopathology. (p. 208-233). Cambridge: Harvard University Press, 1988.

NICHOLLS, A. et al. Thinking the uncounscious: nineteenth-century german thoght. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

PORTA, M. A Filosofia a partir de seus problemas. São Paulo: Loyola, 2014.

RIBOT, T. German psychology of to-day. New York: Charles Scribner's Sons, 1899.

ROUDINESCO, E. & Plon, M. Dicionario de psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

----------. Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

SAND, R. The uncouncious without Freud. Lanham: Rowman and Littlefield, 2014.

SCHULTZ, D. História da psicologia moderna. São Paulo: Cenage, 2015.

Shakow, D. & Rapaport, D. The Influence of Freud on American Psychology.Psychological Issues, Vol. IV, No. l, Monograph 13. New York: International Universities Press, 1964.

STOUT, G. F. The herbatian psychology I.Mind, 12: 321-228. Oxford: OUP,1888.

---------- The herbatian psychology II. Mind, 13: 473-498. Oxford: OUP, 1888.

----------Herbart compared with english psychologists and with Beneke. Mind, 14: 1-26. Oxford: OUP, 1889.

SYMONS, J. & CALVO, P.. The Routledge Companion to Philosophy of Psychology. London: Routledge, 2009.

WHYTE, Lancelot. L'inconscient avant Freud. Paris: Payot, 1971.